



# REFLEXÃO

## TEOLÓGICA E MISSIOLÓGICA

---

---

Vol. 2, No. 1 Fevereiro 2024  
ISSN 2965-5234 (on-line)



betel brasileiro  
CETEMIBB

Centro de  
Educação  
Teológica e  
Missiológica

CENTRO DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E MISSIOLÓGICA BETEL  
BRASILEIRO

Diretora – Durvalina Barreto Bezerra

A Revista Reflexão Teológica é uma publicação do Centro de Educação Teológica e Missiológica Betel Brasileiro. Os pontos de vista expressos nos artigos refletem o juízo dos autores, não representando necessariamente a posição da instituição. Os direitos de publicação desta revista são do Centro de Educação Teológica e Missiológica Betel Brasileiro.

**Endereços**

Rua Raul de Souza Costa, 790 Alto do Mateus, João Pessoa (PB).  
Telefone (83) 9 9342.1913  
Site: cetemibb.com  
E-mail: contatocetemibb@gmail.com

Rua São Bento, 545, Primeira Sobreloja, Centro, São Paulo (SP)  
Telefone (11) 95783-5788  
Site: betelbrasileirosp.com.br  
E-mail: secretariabetelsp@gmail.com

Endereço Eletrônico: <https://cetemibb.com/reflexao-teologica-missiolologica/>

Reflexão Teológica – Estudos e pesquisas em Teologia e Missões v.2, n 1 do novo  
formato – revista eletrônica (2024)

Semestral

ISSN 2965-5234 (Online)

· Teologia      2. Espiritualidade      3. Missões

*Editor chefe*

Gedimar dos Santos Maia Junior

*Editor de resenhas*

Karoline Evangelista da Silva Paz

*Conselho editorial*

Joerley Orlando de Oliveira Cruz

Paula Coatti Ferreira

Paulo César Nunes do Nascimento

Daniel Motta Mendonça

*Capa*

Tamires Barbosa Seabra Maia

## APRESENTAÇÃO

O Centro de Educação Teológica e Missiológica Betel Brasileiro lança a revista *Reflexão Teológica e missiológica (RTM)* – Estudos e Pesquisas em Teologia e Missões de forma eletrônica.

O objetivo da Revista é oferecer à comunidade evangélica, principalmente aos estudantes e professores de seminários e escolas teológicas, artigos e estudos que contribuam para a reflexão e aprofundamento de temas do saber teológico e missiológico.

Ao longo dos anos, monografias, dissertações e teses têm sido produzidas em nossos Seminários e não queremos deixá-los apenas nas prateleiras das nossas bibliotecas, são conteúdos riquíssimos que precisam ser divulgados com vistas à edificação da igreja e à fomentação de pesquisas nas áreas teológica e missiológica. Por esse motivo, a equipe editorial da Revista dedica-se a selecionar e oferecer, a cada edição, uma nova gama de conhecimentos ao público que se interessa nos assuntos aqui elaborados e também está aberta a receber conteúdos de nossos ex-alunos e de teólogos e missiólogos que, embora não façam parte da comunidade betelina, comungam com a proposta das produções da Revista.

Temos o compromisso de manter nossos princípios e valores, e zelar por uma teologia bíblica e comprometida com a missão da igreja.

Agradecemos ao Prof. Me. Gedimar dos Santos M. Junior, editor-chefe, e a cada membro da equipe, que, de forma voluntária, se empenhou na conquista desse ideal do Betel Brasileiro.

Ao sublime Mestre Jesus, a glória e a honra!

Dra. Durvalina Barreto Bezerra  
*Direção*

## EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos ao leitor o segundo volume da revista Reflexão Teológica e Missiológica (RTM) no seu formato eletrônico. Nesta edição serão oferecidos três artigos e três resenhas de obras que versam sobre temas relacionados à vida cristã, teologia bíblica e prática ministerial. As produções são fruto do trabalho de professores, alunos e parceiros convidados.

Nesta edição, o primeiro artigo escrito por Me. Yann da Silveira Vieira Lessa, “*Jonathan Edwards: Teólogo do avivamento*”, analisa qual era o entendimento do importante teólogo americano a respeito do avivamento. O segundo artigo escrito por Me. Karoline Evangelista da Silva Paz e Andrea Cardoso do Nascimento de Souza, “*A escola bíblica dominical brasileira no contexto de pós-pandemia (covid-19)*”, demonstra por meio de uma pesquisa de campo qual foi o comportamento das igrejas frente à pandemia do COVID-19 no que se refere à escola bíblica dominical.

O terceiro artigo escrito por Me. Gedimar dos Santos Maia Junior, “*Um diálogo entre Grant Osborne e G. K. Beale a respeito de Apocalipse 20.1- 6: Entendendo o amilenismo a luz das diferenças com o pré-milenismo*”, apresenta as duas escolas trabalhando, sobretudo de um ponto de vista hermenêutico. De outra forma, o autor busca esclarecer que a grande diferença entre as escolas está relacionada à decisão de interpretar o texto de forma cronológica ou não. Por fim, ele mostra de forma sucinta o porquê da sua opção pelo amilenismo.

A seção de resenhas traz avaliações de três obras importantes para o contexto atual da igreja. O primeiro texto escrito por Me. Carlos Ermerson Silva de Sena é uma resenha da obra *Biblical Reasoning* de John Webster. O segundo texto escrito por Me. Guilherme Alves da Silva é uma resenha da obra *Pregação cristocêntrica* de Bryan Chapell. Por fim, Me. Gedimar dos Santos Maia Junior fez uma resenha da obra *Perdoar* de Timothy Keller.

Avançando com o compromisso da revista em fomentar reflexões a respeito da missão, da vida espiritual e da teologia, entregamos aos leitores esta segunda edição da revista Reflexão Teológica e missiológica para a glória de Deus e para edificação da sua igreja.

Gedimar dos Santos Maia Junior  
*Editor Chefe*

## SUMÁRIO

### ARTIGO

**Jonathan Edwards: Teólogo do avivamento**..... 09

*Me. Yann da Silveira Vieira Lessa*

**A escola bíblica dominical brasileira no contexto de pós-pandemia  
(covid-19)**..... 19

*Me. Karoline Evangelista da Silva Paz & Andrea Cardoso do Nascimento de Souza*

**Um diálogo entre Grant Osborne e G. K. Beale a respeito de  
Apocalipse 20.1- 6: Entendendo o amilenismo a luz das  
diferenças com o pré-milenismo**..... 30

*Me. Gedimar dos S. M. Junior*

### RESENHA

**Biblical Reasoning (John Webster)**..... 42

*Me. Carlos Ermerson Silva de Sena*

**Pregação Cristocêntrica (Bryan Chapell)**..... 45

*Me. Guilherme Alves da Silva*

**Perdoar (Timothy Keller)**..... 48

*Me. Gedimar dos S. M. Junior*





## Jonathan Edwards: Teólogo do avivamento

Me. Yann da Silveira Vieira Lessa<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objeto a compreensão do pensamento de Jonathan Edwards acerca dos avivamentos que ocorreram em sua época. As reflexões de Edwards são de inestimável valor para um posicionamento equilibrado com relação às manifestações fantásticas que podem ocorrer em períodos da igreja. Em sua época ocorreu o que é chamado de Grande Despertamento, um período de intenso avivamento religioso, e Edwards apresenta um ponto de vista que mantém tanto a fé quanto a crítica, reconhecendo que nem tudo que parece ser obra salvífica do Espírito Santo realmente o é.

### PALAVRAS-CHAVES

Avivamento, Edwards,  
Espírito Santo

Como pretensos avivamentos devem ser encarados pelo cristão? Qual deve ser a postura diante de manifestações extraordinárias? Aqueles que buscam fazer uma análise equilibrada do assunto, unindo fé e precaução, percebem uma ausência de boas referências teológicas que exploraram o assunto de maneira profunda e satisfatória. Conhecer o pensamento de Jonathan Edwards sobre os avivamentos e a obra do Espírito Santo se torna, então, um farol. Com rigor bíblico e um coração pastoral, Edwards analisa os despertamentos de sua época, percebendo erros e acertos tanto na visão dos entusiastas quanto na dos céticos.

### 1. Avivamento vivenciados

A experiência de Edwards com avivamentos começa cedo, na congregação que seu pai, Timothy, pastoreava em East Windsor. Em sua *Fiel Narrativa da Surpreendente Obra de Deus na Conversão de Centenas de Almas em Northampton*, ele relata que a igreja de seu pai foi favorecida, pela misericórdia de Deus, com quatro ou cinco períodos de derramamento do Espírito, que causou despertamento entre o povo, com reconhecimento de pecado e com um intenso anseio pelas coisas celestes<sup>2</sup>. Na congregação de seu avô Stoddard, em Northampton, não foi diferente. Stoddard relatou a Edwards que houve cinco momentos em seu ministério com grande colheita de almas. Uma das marcas desses períodos era a preocupação dos jovens com a sua salvação eterna<sup>3</sup>.

Em seu ministério em Northampton, após a morte de seu avô, também houve grande avivamento. Um período, relatado por Edwards, de despertamento generalizado, marcado por

<sup>1</sup> Mestrado em Teologia (M.Div) pelo Seminário Martin Bucer e Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

<sup>2</sup> EDWARDS, Jonathan. **The Great Awakening**. New Haven and London: Yale University Press, 1972, p.154.

<sup>3</sup> EDWARDS, 1972, p. 146.

conversas espirituais em todos os lugares. As mentes dos indivíduos pareciam ter sido retiradas do mundo, as obrigações seculares não mais ocupavam o centro dos pensamentos. Os indivíduos estavam conseguindo vencer as tentações e passavam muito tempo se exercitando na religião, com leituras e orações e se encontrando nas casas. Todos buscavam fugir da ira vindoura e salvar suas almas. Perdidos se convertiam em massa e aqueles já convertidos eram despertados, de modo que a própria cidade parecia diferente. Apesar de não ter a presunção de julgar quantas pessoas haviam verdadeiramente se convertido, ele espera que mais de trezentas almas tenham sido salvas num espaço de seis meses<sup>4</sup>. Os cultos se tornaram mais belos, com todos voltados à adoração. Nas palavras de Edwards:

Nossas reuniões públicas eram então lindas; a congregação estava viva no culto a Deus, cada um com uma intenção sincera na adoração pública, todo ouvinte desejoso de beber das palavras do ministro como elas vinham de sua boca; a assembleia em geral estava, de tempos em tempos, em lágrimas enquanto a Palavra era pregada; alguns chorando com tristeza e angústia, outros com alegria e amor, outros com piedade e preocupação pela alma de seus vizinhos<sup>5</sup>. [*Tradução nossa*].

A adoração pública também foi avivada, com grande elevação de vozes e corações a Deus. Os jovens se reuniam para refletir nas maravilhas do Senhor e até nos casamentos havia preocupação com assuntos da religião e eram marcados por uma alegria espiritual. Esse derramamento do Espírito de Deus se espalhou por muitas outras cidades ao longo do país<sup>6</sup>, não encontrando barreiras geográficas ou sociais. Esta obra de Deus alcançou todo tipo de gente, “sóbrio e viciado, alto e baixo, rico e pobre, sábio e não sábio” [*Tradução nossa*]<sup>7</sup>. Crianças foram tocadas pela obra de Deus, até mesmo uma de quatro anos de idade, bem como muitos afrodescendentes.

Edwards também experimentou o seu próprio avivamento pessoal. Antes de sua conversão, ele teve dois períodos de despertamento, quando suas disposições e pensamentos mudaram. Primeiro quando ele era um garoto, durante um dos despertamentos na congregação de seu pai. Por meses ele pensava intensamente nas coisas celestes, orava e servia; suas afeições se moviam facilmente. Porém, com o tempo isso passou, ele abandonou a oração e retornou a um

---

<sup>4</sup> EDWARDS, 1972, p. 158.

<sup>5</sup> “Our public assemblies were then beautiful; the congregation was alive in God’s service, every one earnestly intent on the public worship, every hearer eager to drink in the words of the minister as they came from his mouth; the assembly in general were, from time to time, in tears while the Word was preached; some weeping with sorrow and distress, others with joy and love, others with pity and concern for the souls of their neighbours”. In: EDWARDS, 1972, p. 151.

<sup>6</sup> Como relatado por Edwards em: EDWARDS, 1972, p. 153-156.

<sup>7</sup> “Sober and vicious, high and low, rich and poor, wise and unwise”. In: EDWARDS, 1972, p. 157.

caminho de pecado. Segundo, quando estava na faculdade e lutava internamente com seus pecados. Ele fazia votos e resoluções para tentar ser diferente, buscava a salvação e se ocupava de afazeres religiosos, mas ainda não possuía aquele tipo verdadeiro de afeição e o prazer. Esse doce deleite interior em Deus só viria algum tempo depois. A primeira vez foi ao ler 1 Timóteo 1.17; foi quando veio a ele um novo senso da glória de Deus que inundou seu ser e o fez orar e cantar com novas afeições. Desde então, ele passou a ter novas compreensões da obra de salvação de Cristo e se deleitar na Palavra. Esse senso do divino cresceu trazendo doçura interna, de modo que até a natureza fazia seus pensamentos subirem a Deus<sup>8</sup>. Comparando as experiências após a verdadeira conversão com aquelas de quando era um garoto ele escreve:

Os deleites que eu agora sentia nas coisas da religião eram de um tipo extremamente diferente daqueles mencionados anteriormente, que eu tinha quando menino; e do que então eu não tinha mais noção do que um cego de nascença tem de cores agradáveis e bonitas. Eles eram de uma natureza mais interior, pura, animadora e refrescante. Essas delícias anteriores nunca chegaram ao coração; e não surgiram de nenhuma visão da excelência divina das coisas de Deus; ou de qualquer gosto do bem que satisfaz a alma e dá vida que havia neles. [Tradução nossa]<sup>9</sup>.

Tais vivências, somadas a uma vasta experiência pastoral, levaram Edwards a refletir sobre quais seriam as marcas de uma verdadeira obra do Espírito Santo, que demonstram uma conversão real.

## 2. Marcas da verdadeira obra do Espírito

Jonathan Edwards teve que lidar com algumas questões por causa dos avivamentos: qualquer ação aparentemente sobrenatural é obra do Espírito? Experiências fantásticas são garantias do Espírito de que a pessoa afetada é salva? Pessoas que retornam a uma vida de pecado após experiências fantásticas demonstram que tais experiências não vêm do Espírito? Essas e outras questões fizeram com que ele se debruçasse sobre o tema, estudando-o ao longo das Escrituras e tendo como base as suas experiências pastorais em Northampton. Ele se ocupa com essas questões em sua obra *Afeições Religiosas*.

Pode-se definir afeições religiosas, de maneira resumida, como experiências, inclinações ou intensos sentimentos advindos da religião. Porém, nem toda afeição religiosa é necessariamente fruto de um coração afetado por Deus, por meio do Espírito Santo, de modo salvífico. Muitas

---

<sup>8</sup> Relatos do próprio Edwards, presentes em: Samuel Hopkins e John Hawksley, **Memoirs of the Rev. Jonathan Edwards**. London: W. Hughes, 1815, p. 45-55.

<sup>9</sup> “The delights which I now felt in the things of religion, were of an exceedingly different kind from those before mentioned, that I had when a boy; and what then I had no more notion of, than one born blind has of pleasant and beautiful colours. They were of a more inward, pure, soul-animating, and refreshing nature. Those former delights never reached the heart; and did not arise from any sight of the divine excellency of the things of God; or any taste of the soul-satisfying and life-giving good there was in them.” In: Hopkins; Hawksley, 1815, p. 56.

foram as experiências que os cristãos tiveram durante os despertamentos, e muitos passaram a considerar isso como sinal do verdadeiro agir de Deus. São doze as experiências de afeições religiosas listadas em seu livro que não se configuram, para ele, sinal inquestionável do agir da graça especial de Deus. Algumas são: afeições com forte efeito no corpo; afeições que trazem passagens das Escrituras à mente; afeições com aparência de amor; afeições que levam a pessoa a dedicar tempo à religião; afeições que levam a adorar a Deus com os lábios; afeições que produzem uma confiança extraordinária na salvação. É importante ressaltar que Edwards não se opõe a nenhuma dessas experiências, mas pede cautela para que não se avalie de maneira equivocada como obra de Deus algo que pode ser fruto de meras emoções, de espíritos estranhos ou até mesmo obra da graça comum de Deus.

Em seguida, na terceira parte do livro, ele apresenta verdadeiros sinais de uma obra do Espírito Santo. Seu desejo não é se tornar um juiz da salvação alheia, mas apresentar verdades bíblicas proveitosas para que alguém não se engane com falsos sinais:

No entanto, o estabelecimento de boas regras pode ser um meio de frustrar esses hipócritas e de convencer muitos outros tipos de hipócritas; e Deus pode convencer até esses, sua graça não tem limite, tampouco nenhum recurso deve ser ignorado. Ademais, essas regras podem ser úteis para os santos verdadeiros detectarem as afeições falsas que porventura tenham confundido com as genuínas e, quem sabe, sejam um meio de tornar mais pura sua religião, como o ouro provado pelo fogo<sup>10</sup>.

Edwards apresenta, então, doze sinais de uma atuação genuína e salvífica do Santo Espírito. Primeiramente, deve ser uma atuação sobrenatural de Deus no homem; é a habitação do Espírito Santo no homem que torna alguém espiritual. O Espírito infunde no homem uma nova natureza. Muitas experiências são somente fruto da imaginação e podem até mesmo levar as pessoas para longe de Deus. Alguns em sua época acreditavam que por meio de impressões na mente era que o Espírito testificava ao espírito que alguém era salvo; porém, Edwards demonstra que essa prova que o Espírito concede é por meio da mudança de natureza, a recepção do espírito de adoção, que leva alguém a agir de acordo com essa nova natureza. Essa é a prova do Espírito de que alguém é salvo:

Qual é a garantia e a instauração da glória senão a própria graça, sobretudo em sua atividade mais expressiva e mais clara? Não é profecia nem línguas, nem conhecimento, mas essa coisa divina mais excelente, a "caridade que jamais se acaba", ela é a prelibação e o início da luz, do dulçor e da bem-aventurança do céu, aquele mundo de amor, ou caridade. A graça é a semente da glória e o raiar dessa glória no coração; por isso a graça é a garantia da herança futura. [...] Logo, pelo que se percebe, o testemunho do Espírito que o apóstolo menciona está longe de ser um sussurro, uma sugestão ou revelação direta, mas é aquele efeito

<sup>10</sup> Jonathan Edwards, **Afeições Religiosas**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 119.

santo e cheio de graça do Espírito de Deus no coração dos santos, a disposição e o estado de ânimo de filhos, os quais se manifestam num doce amor filial a Deus, amor que lança fora o medo e o espírito de escravidão<sup>11</sup>.

O crente verdadeiro não precisa de sinais miraculosos para crer que é salvo. É em sua união com Deus, naquele amor genuíno e humilde que sente por ele, que o crente tem uma certeza de sua filiação para com Deus. Tal amor não pode ter interesses particulares como motivador central. Deve ser um amor direcionado a “excelência da natureza divina”<sup>12</sup>. Uma pessoa pode ter experiências grandiosas que a tornam ainda mais orgulhosa e autossuficiente, se afastando de Deus. A pessoa realmente encontrada por Deus irá ter um novo senso e paladar pela beleza de Deus e pela verdade do Evangelho; ela não é meramente convencida por bons argumentos. Afeições da graça também trazem uma humilhação e arrependimento que as leva até Cristo. O orgulho se esconde na capa da religião e o cristão deve sempre vigiar.

A verdadeira afeição é acompanhada de mansidão, perdão e misericórdia, amor e ternura. A ousadia que Deus nos concede não é sinônima de irreverência, mas de santo temor. Afeições santas também afastam o crente de posições extremadas em suas ações e pensamentos, trazendo mais simetria e proporcionalidade. Alguns escolhem certos pecados para odiar mais, outros escolhem certos mandamentos para cumprir. O crente verdadeiro, por sua vez, odeia todos os seus pecados e busca obedecer sem distinção.

A penúltima marca tem grande importância, porque alguns poderiam imaginar que Edwards defende que o crente não deveria ansiar por realizações espirituais, mas o que ele diz é exatamente o oposto – as afeições da graça trazem um apetite crescente por mais. Quanto mais se ama a Deus, mais se quer amar; quanto mais se odeia o pecado, mais o quer odiar; quanto mais se humilha, mas percebe o quanto precisa se humilhar. “Quanto mais revelações e afeições espirituais tem o verdadeiro cristão, mais ele se assemelha a um mendigo inoportuno, suplicando por fé e alimento espiritual para poder crescer, e mais séria e sinceramente se dedica a essa busca, usando os meios e expedientes adequados”<sup>13</sup>. Sobre experiências fantásticas, muitos hipócritas, segundo Edwards, também as anseiam, mas o fazem pelo conforto imediato que elas trazem, enquanto que verdadeiros cristãos as anseiam apenas se elas os auxiliarem a ter uma vida e um coração mais puro. Por fim, as afeições de graça levam o crente a ter uma vida condizente com sua profissão de fé, frutificando de acordo com sua nova natureza, em especial durante períodos de tentação e provação. Esta é a prova maior que a Bíblia apresenta que demonstra que alguém ama, confia e espera em Deus; é a *experiência religiosa* por excelência.

---

<sup>11</sup> EDWARDS, 2018, p. 154-156

<sup>12</sup> EDWARDS, 2018., p. 164-165.

<sup>13</sup> EDWARDS, 2018., p. 289.

### 3. Nem tudo que reluz é ouro

Jonathan Edwards prega cautela a todos que rapidamente creem ser proveniente do Espírito Santo qualquer experiência extraordinária. “Além do Espírito Santo, há outros espíritos que têm influência na mente dos seres humanos”<sup>14</sup>. Espíritos enganadores podem simular a obra do Espírito e enganar a muitos. O Diabo pode trazer versículos à mente de uma pessoa e levá-la a ter certas afeições. “A sutileza de Satanás e o coração enganoso do ser humano estão habituados sobretudo a falsificar as virtudes e os dons da mais alta estima”<sup>15</sup>. Até mesmo frutos do Espírito como amor e humildade podem ser plagiados pelo Diabo, fazendo com que muitos se enganem de sua salvação. Edwards trata de alguns textos que provam que o Diabo pode atuar trazendo ideias externas, com visões e êxtases, como fazia com falsos profetas e assim conclui: “Se Satanás, ou qualquer se criado, tem poder para imprimir na mente representações exteriores, nenhum tipo de representação exterior pode ser prova de poder divino”<sup>16</sup>. O Diabo se manifesta como anjo de luz, misturando boas verdades com suas mentiras e assim afastando muitos do caminho de Deus.

O coração do homem, enganoso, também pode acreditar estar sob influência de verdadeiras afeições, mas que na verdade são ilusões. Alguns alimentam uma plena certeza de que são salvos, mas é uma confiança “arrogante, arbitrária e impetuosa”<sup>17</sup>, uma falsa esperança baseada em sua própria iluminação. A própria emoção do homem pode envolvê-lo de modo a crer que está tendo experiências com o Espírito que nada mais são que a sua imaginação sendo posta em ação.

Além do Diabo e do coração humano, outra fonte de afeições extraordinárias é o próprio Espírito Santo. Porém, ele não age apenas de modo especial e salvífico, tendo também uma atuação pela graça comum que pode trazer benefícios e dons momentâneos, mas que não significa a conversão daquela alma.

Ocorre com os que se dizem religiosos, especialmente com os que assim se tornam em períodos de derramamento do Espírito de Deus, o que ocorre com a floração na primavera: há um número incontável de flores em cada árvore e todas parecem boas e promissoras, mas muitíssimas jamais virão a ser alguma coisa. [...] Não somos capazes, com nenhum de nossos sentidos, de distinguir com certeza as flores que trazem em si a virtude secreta que depois aparecerá no fruto e a solidez e força interiores que lhes permitem suportar e ser aperfeiçoadas pelo ardente sol do verão, o mesmo que secará as outras. Devemos julgá-las pelo fruto maduro que vem depois, não pelas belas cores e pelo aroma da flor. Assim, os novos convertidos (os que assim se professam), em suas conversações sobre as coisas da religião, talvez pareçam justos e agradabilíssimos, e os santos pensem

---

<sup>14</sup> EDWARDS, 2018., p. 66.

<sup>15</sup> EDWARDS, 2018., p. 71.

<sup>16</sup> EDWARDS, 2018., p. 138.

<sup>17</sup> EDWARDS, 2018., p. 94.

que eles falam com grande sentimento, apreciem seu discurso e imaginem perceber neles um sabor divino e, apesar disso, tudo pode dar em nada<sup>18</sup>.

Está triste realidade é bem verificável no cotidiano da igreja. É praticamente indistinguível a ação do Espírito Santo em graça comum e aquela especial e salvífica num primeiro momento. É necessário que se espere para que se observem os frutos. Como Edwards diz em um de seus sermões: “A graça comum difere da graça especial, pois a influência da primeira se dá apenas no fato de auxiliar a natureza e não na comunicação da graça ou na concessão de algo acima da natureza”<sup>19</sup>. Experiências sensitivas se encontram nesta classe de algo da natureza, embora intensificado, de modo que não são evidências da ação da graça especial. Exemplos como Balaão e Saul demonstram essa verdade<sup>20</sup>. Balaão ouve as palavras de Deus e conhece os planos do Altíssimo, mas era um homem natural. Se a santidade, o homem pode ter variados dons e ir para o inferno<sup>21</sup>.

O conhecimento dessas verdades é de primeira importância, já que “boa parte da falsa religião que tem havido no mundo através dos séculos consiste em falsas revelações como essas e nas afeições que delas decorrem”<sup>22</sup>. Seria tolice um cristão ser crédulo ao ponto de não julgar as profecias e não discernir os espíritos. Edwards conclui com um apelo a que se retorne aos princípios expostos na Palavra de Deus:

São tantos os meios sem influência sobrenatural que podem mover as afeições, são tão diversas as forças motrizes naturais das afeições, são tantos os fatores que às vezes incidem conjuntamente sobre elas – a imaginação (de maneiras inúmeras e insondáveis), a índole natural, a educação, as influências comuns do Espírito de Deus, uma conjunção surpreendente de variadas circunstâncias, alguma coincidência extraordinária no caminho dos pensamentos de um homem, juntamente com a ação sutil de espíritos invisíveis malignos – que nenhuma filosofia ou experiência jamais será suficiente para nos guiar em segurança por esse labirinto se não seguirmos rigorosamente as indicações que Deus nos deixou em sua Palavra<sup>23</sup>.

#### 4. Entre novas e velhas luzes

O período do Grande Despertamento causou intensas discussões entre dois grupos, que viriam a ser conhecidos como Novas e Velhas Luzes. Os Novas Luzes eram apoiadores do avivamento, que enxergavam tudo que estava acontecendo como obra genuína do Espírito Santo. Já os Velhas Luzes percebiam muitos exageros no movimento, de modo que pregavam contra e

<sup>18</sup> EDWARDS, 2018., p. 107-108.

<sup>19</sup> Sermão “Uma Luz Divina e Sobrenatural” em: Jonathan Edwards. **Jonathan Edwards**. Uma antologia. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 151.

<sup>20</sup> Balaão: Números 24.16-17. Saul: 1 Samuel 19.23-24.

<sup>21</sup> Ver: Iain H. Murray, **Jonathan Edwards**. Uma nova biografia. São Paulo: PES, 2015, p. 274.

<sup>22</sup> EDWARDS, 2018, p. 203.

<sup>23</sup> EDWARDS, 2018, p. 260.

não o aceitavam como obra de Deus. Edwards, em vez de assumir a posição em um dos grupos, buscou evidenciar que ambos os grupos possuíam reivindicações corretas e também pontos fracos. Um exemplo desse extremo se dá na avaliação que alguns faziam de homens eloquentes:

Muitos há que, ao testemunharem tais afeições nos outros, são tomados de forte preconceito contra eles. Basta alguém ser eloquente para que estes o condenem, chamando-o de fariseu e hipócrita pretensioso. Em compensação, há outros tantos que, ao presenciarem essas afeições em alguém, logo se precipitam, carregados de ignorância e imprudência, a decidir que esse indivíduo é um genuíno filho de Deus<sup>24</sup>.

Nem os entusiasmados e nem os céticos estavam tendo uma postura correta. “A posição geral de Edwards em relação aos avivamentos combinava *abertura* a novos tipos e graus de experiência espiritual com *cautela* na verificação e na avaliação de todos os fenômenos espirituais<sup>25</sup>”. Alguns estudiosos de Edwards identificam dois momentos em sua vida: em meados da década de 1730, quando estava mais aberto ao avivamento, e ao final da década de 1740, quando estava mais cauteloso. Algumas diferenças entre as obras *Marcas Características da Obra do Espírito de Deus*, de 1741, e *Afeições Religiosas*, revelariam esta crescente tendência à cautela<sup>26</sup>. Apesar disso, fato é que *Afeições* ainda abre espaço e defende o avivamento, bem como *Marcas Características* já pregava muita cautela, de modo que a aparente transformação no pensamento de Edwards pode ser apenas uma mudança estratégica de ênfase.

Contra os Velhas Luzes ele argumenta que as experiências comuns que estavam ocorrendo nas igrejas não iam contra as Escrituras. O mero preconceito porque um movimento é diferente do normalmente observado não o torna errado. Além disso, a emoção é parte constitutiva do ser humano, que é afetado pela vida. Se ele está sendo afetado pelo próprio Deus, não seria de se esperar afeições profundas e poderosas? Experiências de êxtase e de queda são igualmente plausíveis. “Quando os pensamentos estão tão concentrados e as emoções são tão fortes e toda a alma está tão compenetrada, arrebatada e absorvida, não é admirável que todas as outras partes do corpo também sejam afetadas, a ponto de serem privadas de sua força, deixando toda a constituição física a ponto de desabar”<sup>27</sup>. Outrossim, o fato de alguns detraírem o movimento por meio de seu comportamento também não é motivo para descrever na atuação do Espírito. Quanto à afirmação de que o avivamento provoca desordem, Edwards escreve que esse é um argumento ilógico. A ordem está em tudo chegar ao seu fim determinado; o fim dos propósitos religiosos era a

<sup>24</sup> EDWARDS, 2018, p. 60.

<sup>25</sup> Michael J. McClymond e Gerald R. McDermott, **A Teologia de Jonathan Edwards**. São Paulo: Vida Nova, 2023, p. 652.

<sup>26</sup> McClymond; McDermott, 2023, p. 652

<sup>27</sup> Jonathan Edwards, **A verdadeira obra do Espírito**. Sinais de autenticidade Edição do Kindle. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 23.



conversão; no avivamento havia grande conversão de almas; logo, a ordem é respeitada. Por isso ele afirma que se tal mover de Deus é chamado confusão, seria bom que todos os cultos de domingo da terra sejam interrompidos por confusões desse tipo<sup>28</sup>. A obra do Espírito deveria ser então promovida. Edwards chega a dizer que aqueles que estavam se opondo à obra do Espírito poderiam estar cometendo o pecado imperdoável<sup>29</sup>.

Contra os Novas Luzes, ele diz que se deve ter vigilância contra o orgulho espiritual ou autoexaltação por causa das experiências vividas. “O maior privilégio dos profetas e apóstolos não foi o fato de terem sido inspirados e haverem operado milagres, mas sim sua santidade notável”<sup>30</sup>. As pessoas deveriam ter cuidado ao pensar que uma impressão veio de Deus. Muitas vezes isso redundava em fracasso, demonstrando ser mera imaginação humana. Ademais, se dons extraordinários não produzirem bons frutos eles são inúteis ao cristão. Assim ele diz que “preferiria desfrutar durante quinze minutos das influências comuns do Espírito mostrando-me a divina beleza espiritual de Cristo, sua infinita graça e seu amor sacrificial, estimulando o santo exercício da fé, do amor divino, da amável benevolência e do humilde regozijo em Deus a ter visões e revelações proféticas o ano inteiro”<sup>31</sup>.

### **Considerações finais**

Fica claro nos textos analisados que Edwards se posiciona de maneira equilibrada, com humildade e zelo pelas Escrituras, temendo dizer que algo é ou não obra do Espírito. Sua postura é exemplo para uma análise correta dos movimentos e avivamentos, desde que se compreenda o pensamento de Edwards em seu contexto. Abertura e cautela devem ser balanceadas para uma vivência espiritual sadia.

O artigo foi recebido em: 10/10/2023 e aprovado em: 10/01/2024.

---

<sup>28</sup> Edwards, 2010 p. 63.

<sup>29</sup> Edwards, 2010., p. 73.

<sup>30</sup> Edwards, 2010., p. 78.

<sup>31</sup> Edwards, 2010., p. 81.

## Referências bibliográficas

Edwards, Jonathan. A verdadeira obra do Espírito: Sinais de autenticidade. São Paulo: Vida Nova, 2010.

\_\_\_\_\_. Afeições Religiosas. São Paulo: Vida Nova, 2018.

\_\_\_\_\_. Jonathan Edwards: uma antologia. São Paulo: Vida Nova, 2022.

\_\_\_\_\_. The Great Awakening. New Haven and London: Yale University Press, 1972.

Hopkins, Samuel e Hawksley, John. Memoirs of the Rev. Jonathan Edwards. London: W. Hughes, 1815.

McClymond, Michael J. e McDermott, Gerald R. A Teologia de Jonathan Edwards. São Paulo: Vida Nova, 2023.

Murray, Iain H. Jonathan Edwards: uma nova biografia. São Paulo: PES, 2015.

## A escola bíblica dominical brasileira no contexto de pós-pandemia (covid-19)

Me. Karoline Evangelista da Silva Paz<sup>1</sup>

Andrea Cardoso do Nascimento de Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

A Escola Bíblica Dominical tem um papel relevante para o cumprimento da grande comissão, para a comunhão com Deus e com os irmãos e para a edificação dos crentes. Vários foram os desafios enfrentados pela Escola Bíblica Dominical ao longo de sua história. Um dos mais atuais e impactantes foi causado pela pandemia por COVID-19. O isolamento social provocou problemas que perduraram no contexto pós-pandêmico. Por essa razão, o objetivo dessa pesquisa foi verificar se a pandemia por COVID-19 afetou a Escola Bíblica Dominical. Para tanto, foi realizada uma coleta por meio de um questionário produzido no Google Forms. Participaram da pesquisa 56 membros de diferentes igrejas. Na grande maioria (80,4%) das igrejas, há Escola Bíblica Dominical. Algumas igrejas (14,3%) realizam Escola Bíblica em outro dia da semana. Durante o período de isolamento social, a maioria das igrejas (58,9%) transmitiu a Escola Bíblica Dominical por meio de plataformas online. Após a pandemia, 85,1% dessas igrejas continuaram as transmissões online. A metade (50%) dos participantes observou que o número de alunos na Escola Bíblica Dominical sofreu redução após o retorno às atividades presenciais. A maioria (58,9%) dos participantes notou uma mudança para melhor no departamento de mídias da igreja local. Concluiu-se que a pandemia por COVID-19 afetou a Escola Bíblica Dominical de forma negativa, pois houve um declínio no número de alunos na Escola Bíblica Dominical após o retorno às atividades presenciais no contexto pós-pandêmico. E, de forma positiva, o departamento de mídia das igrejas se encontra hoje mais preparado com relação aos recursos tecnológicos e humanos, capacitado a atender às necessidades de preparação e divulgação dos conteúdos da Escola Bíblica Dominical.

### PALAVRAS-CHAVES

Educação cristã;  
Escola bíblica dominical;  
Pandemia; Covid-19.

A Escola Dominical (EBD) nasceu da visão de um jornalista inglês Robert Raikes, que compadecido pelas crianças de sua cidade, Gloucester, uma cidade localizada no Sul da Inglaterra, quis ajudá-las. A EBD surgiu, inicialmente, como uma iniciativa de cunho social, reunindo crianças carentes todos os domingos para alfabetizá-las e evangelizá-las. A data 03 de novembro de 1783 ficou conhecida como o dia da fundação da Escola Bíblica Dominical em virtude da publicação de um testemunho de Raikes sobre os benefícios alcançados na vida das crianças que receberam seu ensino (Andrade, 2000).

Observa-se, então, que a Escola Dominical foi um movimento que surgiu fora das igrejas, para alcançar as crianças pobres, em grande maioria órfãs. Com o passar do tempo, as igrejas

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Congregacional do Nordeste. Mestre em Teologia Sistemática pelo CPAJ-Mackenzie.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Betel Brasileiro.

perceberam que esse movimento estava avançando de forma exponencial, e que poderia contribuir para o crescimento da igreja (Matos, 2020).

No Brasil, a Escola Bíblica Dominical nasceu na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro. Os missionários escoceses Robert Kalley e Sara Kalley dirigiram a primeira EBD em terras brasileiras no dia 19 de agosto de 1885. Apesar da audiência não ter sido grande, apenas um público de cinco crianças, foi o suficiente para que o trabalho florescesse e alcançasse os lugares mais remotos do país (Tows, 2016).

A Escola Bíblica Dominical, desde o seu início, se mostrou um canal de evangelização, consolidação e crescimento espiritual para os cristãos com grande relevância para o avivamento e despertamento espiritual da Igreja. O ensino na EBD tem a capacidade de fornecer a base teológica para as demais atividades eclesiais. Dessa forma é o fundamento dos demais setores eclesiais (Tows, 2011):

A Escola Dominical não é uma agência separada da Igreja. Mas é, talvez, sua agência mais bem estruturada para levar adiante de forma eficaz o ministério de ensino de Cristo. Essa arma da igreja divide-se em quatro partes: alcançar, ensinar, ganhar e cuidar.

A Escola Bíblica Dominical tem um papel relevante para o cumprimento da grande comissão, para a comunhão com Deus e com os irmãos e para a edificação dos crentes. No cumprimento da grande comissão proclamada por Jesus Cristo, a EBD contribui com a proclamação do Evangelho e discipulado, auxiliando os novos convertidos em seus primeiros passos na fé. No aspecto da comunhão com Deus e com os irmãos, a EBD propicia um ambiente favorável ao inter-relacionamento dos crentes, pois representa um “lar espiritual”, onde além do conhecimento da Palavra de Deus, compartilham-se ideias, dificuldades e aspirações pessoais, favorecendo a ajuda mútua, confissão de pecados e fortalecimento na fé. No papel de edificar os crentes, a EBD auxilia na preservação dos bons costumes, no exercício da cidadania e na formação do caráter (Tuler, 2005).

Vários foram os desafios enfrentados pela Escola Bíblica Dominical ao longo de sua história, por exemplo, a resistência cultural enfrentada dentro e fora das igrejas, especialmente devido à desvalorização da educação religiosa formal (Loetscher, 1977); a falta de materiais e recursos educacionais adequados para o ensino, por causa de dificuldades financeiras (Benson, 1915); além de mudanças socioculturais que exigiram adaptações por parte da EBD, tais como, o processo de urbanização, os avanços tecnológicos e as novas formas de comunicação (Canney, 1990).

Sobretudo, um dos desafios mais atuais e impactantes foi causado pela pandemia por COVID-19. A COVID-19 é a doença causada pelo novo coronavírus, agente etiológico da pandemia, que pode causar a Síndrome Aguda Respiratória Severa (SARS), geneticamente semelhante ao SARS-CoV. A doença apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Foi identificada pela primeira vez em dezembro de 2019, na província de Hubei, República Popular da China (Sacramento & Souza, 2021).

Após observar a disseminação da doença em escala global, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou em 11 de março de 2020, que a Covid-19 seria caracterizada como uma pandemia. Esse termo é utilizado quando uma epidemia (grande surto que afeta uma região) se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa (Sacramento & Souza, 2021).

No Brasil, o primeiro caso da doença foi relatado em 26 de fevereiro de 2020. O país enfrentou altos números de casos confirmados e óbitos relacionados ao vírus, tornando-se um dos epicentros mundiais da doença. A propagação do vírus no Brasil foi rápida (OMS, 2020).

As medidas de contenção adotadas pelo governo brasileiro incluíram o fechamento de escolas, comércios e serviços não essenciais, além da implementação de restrições de circulação e distanciamento social. No entanto, houve uma variação significativa nas políticas adotadas pelos diferentes estados e municípios do país, o que resultou em uma abordagem heterogênea no combate à pandemia. O Brasil também enfrentou desafios relacionados à testagem em larga escala, rastreamento de contatos efetivo e disponibilidade de recursos de assistência médica (Shiomatsu & Carvalho, 2020).

Além dos impactos na saúde pública, a COVID-19 teve implicações socioeconômicas significativas. Milhões de brasileiros perderam empregos, empresas fecharam, a desigualdade social foi intensificada e comunidades mais vulneráveis foram duramente afetadas. Porém, apesar dos desafios, o Brasil também foi palco de esforços notáveis no combate à pandemia. Várias instituições de pesquisa e saúde brasileiras desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento de vacinas e na realização de estudos clínicos. As campanhas de vacinação têm sido implementadas em todo o país, visando imunizar a população brasileira (Faria, 2020).

No entanto, mesmo com o retorno às atividades presenciais, o mundo não foi mais o mesmo. O mercado de trabalho mudou e as igrejas também sofreram consequências positivas e negativas em decorrência do isolamento social durante a pandemia. O sistema de ensino, em geral, precisou se adaptar aos métodos não presenciais, o que promoveu um avanço tecnológico, sendo esse um dos aspectos positivos dos efeitos da pandemia. No entanto, o isolamento social também

provocou problemas que perduraram no contexto pós-pandêmico (Antunes, 2020). O presente estudo objetivou verificar se a pandemia por COVID-19 afetou a Escola Bíblica Dominical.

## 1. Métodos

A coleta foi realizada por meio de um questionário produzido no Google Forms, contendo as seguintes perguntas:

1. De que igreja (Nome da Igreja, Bairro e Cidade) você é membro?
2. A Igreja que você congrega realiza Escola Bíblica Dominical?
3. Durante o isolamento social no período da pandemia por COVID-19, a EBD foi transmitida pela internet?
4. Se a resposta à pergunta anterior foi "Sim", a igreja continua, ainda hoje, realizando a transmissão da EBD?
5. Após a pandemia por COVID-19, o número de alunos na Escola Bíblica Dominical sofreu alteração?
6. Com relação ao departamento de mídia/tecnologia da igreja, você notou que no contexto pós-pandêmico se manteve igual, mudou para melhor ou mudou para pior?

O público-alvo foi composto por cristãos de diferentes denominações eclesiais em diversas regiões do país. O recrutamento foi realizado em grupos de igrejas e Seminários Teológicos via Whatsapp. Foram excluídos os participantes membros de uma mesma igreja, de forma a manter somente uma resposta para cada igreja local, respeitando a ordem de respostas ao formulário. A amostra final foi de 56 participantes. A coleta foi realizada entre os dias 04 e 07 de novembro de 2023.

## 2. Resultados

Participaram da pesquisa 56 pessoas, membros de diferentes igrejas. O quadro abaixo informa quais igrejas foram representadas:

**Quadro 1: Nome e cidade das igrejas brasileiras representadas nesta pesquisa (continua)**

Item	Nome da Igreja	Cidade	Estado
1	Igreja Evangélica Congregacional	Volta Redonda	RJ
2	Igreja Evangélica Congregacional	São Paulo	SP
3	Igreja Evangélica Congregacional	Cassimiro de Abreu	RJ
4	Igreja Evangélica Congregacional	Niterói	RJ
5	Igreja Evangélica Congregacional	Itaboraí	RJ
6	Igreja Evangélica Congregacional	Squarema	RJ
7	Igreja Evangélica Congregacional	Senador Modestino Gonçalves	MG
8	Igreja Evangélica Congregacional	Varzelândia	MG
9	Igreja Evangélica Congregacional	Boa Viagem	CE
10	Igreja Evangélica Congregacional	Vassouras	RJ

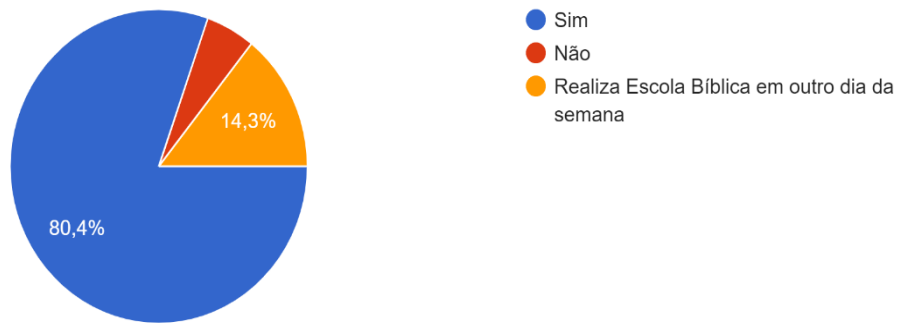
11	Igreja Evangélica Congregacional	Ilhéus	BA
12	Igreja Evangélica Congregacional	Barra Mansa	RJ
13	Igreja Evangélica Congregacional	Paracambi	RJ
14	Igreja Evangélica Congregacional	Rio de Janeiro	RJ
15	Igreja Evangélica Congregacional	São José de Piranhas	PB
16	Igreja Evangélica Congregacional	Juazeiro	BA
17	Igreja Evangélica Congregacional	Salvador	BA
18	Igreja Evangélica Congregacional	Mococa	SP
19	Igreja Evangélica Congregacional	Iramaia	BA
20	Igreja Evangélica Congregacional	São Gonçalo	RJ
21	Igreja Evangélica Congregacional	Itaboraí	RJ
22	Igreja Evangélica Congregacional	Tangará da Serra	MT
23	Igreja Evangélica Congregacional	Itaguaí	RJ
24	Igreja Evangélica Congregacional	Macacu	RJ
25	Igreja Batista Independente	Ceilândia	DF
26	Batista Independente	Brasília	DF
27	Igreja Batista Independente	Franco da Rocha	SP
28	Igreja Batista Independente	Fortaleza	CE
29	Igreja Batista independente	Altamira	PA
30	Igreja Batista Independente Cristo Vida	Itajaí	SC
31	Igreja Batista Independente	Riacho Fundo	DF
32	Igreja Batista Memorial	Osasco	SP
33	Igreja Batista Filadélfia	Mogi das Cruzes	SP
34	Igreja Batista	Uberlândia	MG
35	Igreja Batista	Perdizes	MG
36	Batista Shalom	Brasília	DF
37	Igreja Batista	Recanto das Emas	DF
38	Igreja Batista Reformada	Indaiatuba	SP
39	Igreja Batista Shammah	Brasília	DF
40	Assembleia de Deus	Natal	RN
41	Assembleia de Deus	São José de Piranhas	PB
42	Assembleia de Deus	Itaguaí	RJ
43	Assembleia de Deus	Itambé	PR
44	Assembleia de Deus	Araguari	MG
45	Igreja Betel Brasileiro	João Pessoa	PB
46	Igreja Presbiteriana do Brasil	Uberlândia	MG
47	Igreja Presbiteriana do Brasil	Taguatinga	DF
48	Igreja Presbiteriana do Brasil	São Gonçalo	RJ
49	Igreja de Deus	Sobradinho	DF
50	Comunidade Cristã Ministério da Fé	Recanto das Emas	DF
51	Igreja Ação Evangélica	João Pessoa	PB
52	Igreja Evangélica Quadrangular	Uberlândia	MG
53	Igreja Universal	Araguari	MG
54	Sal da Terra	Uberlândia	MG
55	Igreja Cristã Jesus Verdade Viva	Uberlândia	MG
56	Ministério Vinde a Mim	Uberlândia	MG

Na grande maioria (80,4%) das igrejas representadas nesta pesquisa, existe o departamento de Escola Bíblica Dominical. Algumas igrejas (14,3%) realizam Escola Bíblica em outro dia da semana (Figura 1).

**Figura 1. Porcentagem das igrejas que realizam Escola Bíblica Dominical**

A Igreja que você congrega realiza Escola Bíblica Dominical?

56 respostas



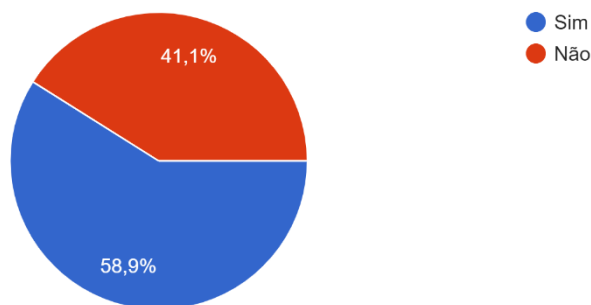
Fonte: Autoria própria (2023).

Durante o período de isolamento social devido à pandemia por COVID-19, a maioria das igrejas (58,9%) transmitiram a EBD por meio de plataformas online (Figura 2).

**Figura 2. Porcentagem das igrejas que transmitiram a EBD por meio de plataformas digitais durante a pandemia.**

Durante o isolamento social no período da pandemia por COVID-19, a EBD foi transmitida pela internet?

56 respostas



Fonte: Autoria própria (2023).

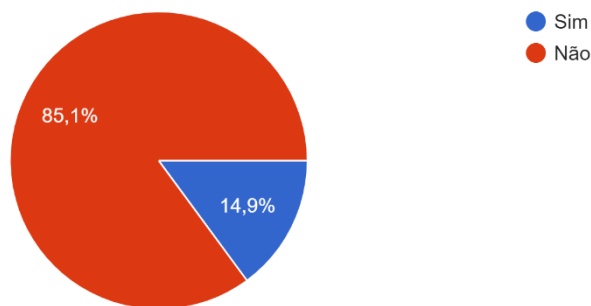


Após a pandemia, 85,1% das igrejas contempladas neste estudo, continuaram a transmitir a EBD de forma online (Figura 3).

**Figura 3. Porcentagem das igrejas que continuaram transmitindo a EBD depois da pandemia**

Se a resposta à pergunta anterior foi "Sim", a igreja continua ainda hoje realizando a transmissão da EBD?

47 respostas



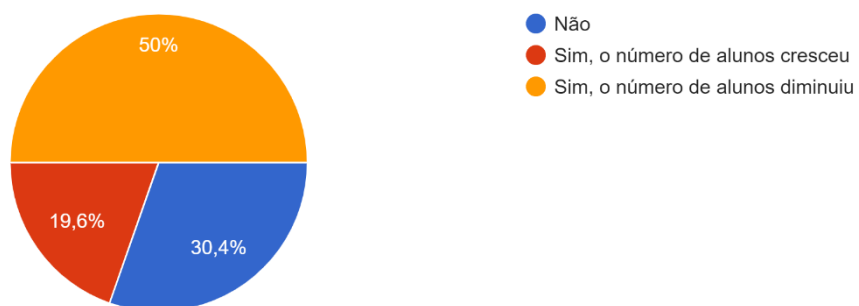
Fonte: Autoria própria (2023).

A metade (50%) dos participantes observou que o número de alunos na Escola Bíblica Dominical sofreu redução após o retorno às atividades presenciais (Figura 4).

**Figura 4. Frequência dos alunos na EBD pós-pandemia.**

Após a pandemia por COVID-19, o número de alunos na Escola Bíblica Dominical sofreu alteração?

56 respostas



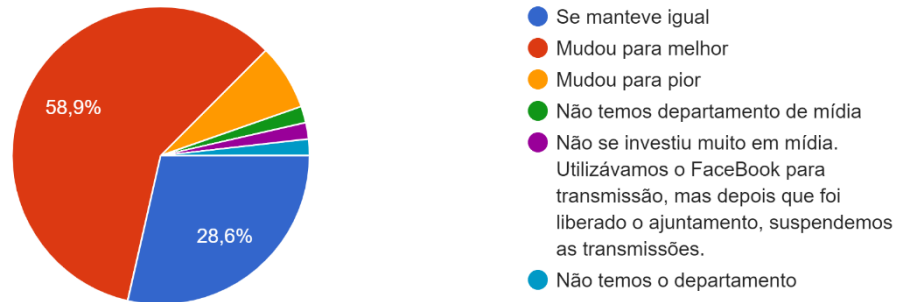
Fonte: Autoria própria (2023).

A maioria (58,9%) dos participantes notaram uma mudança para melhor no departamento de mídias da igreja local (Figura 5).

**Figura 5. Mudança no departamento de mídia/tecnologia da igreja pós-pandemia**

Com relação ao departamento de mídia/tecnologia da igreja, você notou que no contexto pós-pandêmico:

56 respostas



Fonte: Autoria própria (2023).

### 3. Discussão

Observa-se, por meio da amostra analisada na presente pesquisa, que a Escola Bíblica Dominical continua sendo uma tradição preservada na igreja evangélica brasileira. A maioria dos participantes desta pesquisa são membros de igrejas históricas, que estão entre as pioneiras na implantação da Escola Bíblica Dominical em solo brasileiro.

O contexto de isolamento social no Brasil devido à COVID-19 trouxe diversos desafios para a sociedade, incluindo as igrejas. Desde o início da pandemia, as autoridades de saúde recomendaram o distanciamento social como uma medida eficaz para conter a propagação do vírus. O impacto nas igrejas foi significativo, uma vez que muitas delas tiveram que suspender suas atividades presenciais, como cultos e escola bíblica dominical. Isso se deu devido à necessidade de evitar aglomerações e reduzir o risco de contaminação entre os fiéis.

Como resultado, muitas igrejas tiveram que buscar alternativas para continuar atendendo suas comunidades de forma segura. Muitas delas migraram para o ambiente virtual, transmitindo seus cultos e celebrações através de plataformas online, como redes sociais e aplicativos de videoconferência. Essa foi uma maneira de manter a conexão e proporcionar suporte espiritual aos fiéis durante o período de isolamento (Wolff, 2020).

Com a vacinação, o retorno às atividades eclesiais de modo presencial foi paulatino e com várias medidas de segurança, como a redução da capacidade de lotação, o distanciamento entre os assentos, a obrigatoriedade do uso de máscaras e a disponibilização de álcool em gel. No entanto, é importante ressaltar que o impacto do isolamento social nas igrejas não se resume apenas às restrições físicas. Muitos fiéis enfrentaram dificuldades emocionais e espirituais durante esse período, uma vez que a comunhão próxima entre os irmãos proporciona um senso de comunidade,

conexão e apoio mútuo que podem ser mais desafiadores de serem reproduzidos no ambiente virtual (Wolff, 2020).

Em resumo, o contexto de isolamento social devido à COVID-19 afetou as igrejas no Brasil, levando-as a adotar medidas de segurança, migrar para o ambiente online e buscar maneiras alternativas de atender às necessidades espirituais dos fiéis. Como podemos observar, por meio dos resultados obtidos por essa pesquisa, ainda hoje, a igreja vive um período desafiador, que requer adaptação e resiliência por parte das comunidades de fé.

A Escola Bíblica Dominical agora vivencia um novo momento, em que a igreja pode contar com um departamento de mídia mais preparado com relação ao uso da tecnologia, o que pode ser muito bem aproveitado para o benefício da Escola Bíblica Dominical no que tange à preparação e compartilhamento de materiais didáticos. No entanto, os membros da igreja também tiveram que se adaptar ao uso tecnológico e muitos deles se acomodaram às transmissões online e apresentaram resistência no retorno às atividades presenciais, o que poderia ser atribuído, inicialmente, ao medo de contaminação. Contudo, se ao longo do tempo, não houve o retorno da mesma frequência de alunos pré-pandemia, podemos concluir que uma das causas pode ter sido uma acomodação à transmissão online ou até mesmo uma possível frieza espiritual.

A comunhão dos santos é um meio de graça divinamente estabelecido e crucial para o fortalecimento da fé. Biblicamente, a importância de os cristãos estarem reunidos é enfatizada em várias passagens. A Igreja primitiva se dedicava “ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações” (Atos 2.42 NVI). O apóstolo Paulo escrevendo aos Colossenses e aos Efésios adverte os cristãos a adorarem ao Senhor em comunidade e aconselhar uns aos outros (cf. Colossenses 3.16; Efésios 5.19). E o autor aos Hebreus (10.24-25 NVI) faz um alerta:

E consideremo-nos uns aos outros para incentivar-nos ao amor e às boas obras. Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas encorajemo-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia.

A Igreja do Senhor é vitoriosa. Ao longo da história, o crescimento da Igreja se deu em meio a grandes crises. As consequências da pandemia por COVID-19 não devem ser negligenciadas, mas conhecidas, com o fim de trazer as ovelhas perdidas e machucadas de volta ao redil. A frequência na Escola Bíblica Dominical reflete o interesse dos cristãos no aprendizado da Palavra de Deus, que é o alicerce da fé cristã.

Portanto, na missão do ensino, confiada por Cristo à sua Igreja, a EBD é uma ferramenta de grande auxílio. Vale a pena investir esforços para mantê-la ativa até a volta de Jesus Cristo,

mesmo diante dos desafios pós-pandêmicos, pois o papel do ensino sistemático e regular das Escrituras fortalece os cristãos na fé e alcança os perdidos.

### **Considerações finais**

A pandemia por COVID-19 afetou a Escola Bíblica Dominical de forma negativa e de forma positiva. Houve um declínio no número de alunos na Escola Bíblica Dominical após o retorno às atividades presenciais no contexto pós-pandêmico. De forma positiva, o departamento de mídia das igrejas se encontra hoje mais preparado com relação aos recursos tecnológicos e humanos, capacitado a atender às necessidades de preparação e divulgação dos conteúdos da Escola Bíblica Dominical. Com essas informações, resta aos pastores e professores de EBD, buscarem entender a motivação dos irmãos que preferem a transmissão da EBD online e buscar recuperar a assiduidade obtida antes da pandemia.

O presente artigo deve ser lido e compartilhado pelos cristãos que valorizam a Escola Bíblica Dominical, com o fim de que se busquem meios de recuperar a assiduidade dos irmãos na EBD. Novos estudos podem ser realizados com vista a entender as consequências do isolamento social, ocorrido no período pandêmico, para outros ministérios e programações eclesiais. Com relação à EBD, se faz necessário que pesquisadores analisem aspectos de conteúdo e ensino que fogem ao escopo do atual trabalho, mas possuem uma relevância indispensável para se obter um panorama mais completo da situação da Escola Bíblica Dominical brasileira atualmente.

O artigo foi recebido em: 15/11/2023 e aprovado em: 08/01/2024.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Claudionor Correa. **Manual do Superintendente da Escola Bíblica Dominical**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD, 2000.
- ANTUNES NETO, JMF. **Sobre ensino, aprendizagem e a sociedade da tecnologia**. Por que se refletir em tempo de pandemia? *Prospectus*, v. 2, n. 1, p. 28-38, 2020.
- BENSON, C. E. **Sunday School Movements in America** (Vol. 3). Pilgrim Press, 1915.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- CANNEY, M. A. **The Sunday School in American Life**. 1865-1915. Yale University Press, 1990.
- FARIA, H. S. **O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade**. *Espaço e Economia*, v. 9, n. 17, p. 1-11, 2020.
- LOETSCHER, L. G. "**Sunday School, The**". In *New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge* (Vol. XI, pp. 334-336). Baker Book House, 1977.
- MATOS, Alderi. **Vídeo Escola Bíblica Dominical, História e Importância** | Artigo da Semana – Programa 33 - Igreja Presbiteriana de Pinheiros, 2020.
- OMS, **Organização Mundial da Saúde**. Folha informativa sobre COVID-19. 2020.
- SACRAMENTO, Ana Cláudia; SOUZA, Iomara Barro de. **Temas sobre a COVID-19 para o ensino de Geografia**. 1ª edição. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021.
- SHIOMATSU, Gabriella Yuka; CARVALHO, Ricardo Tadeu de. **Entenda a importância do distanciamento social**. 2020. Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais.
- TOWS, Elmer L. **O que todo professor de Escola Bíblica Dominical deve saber**. 24 segredos que podem ajudá-lo a mudar vidas. 1ª edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- TULER, Marcos. **Manual do Professor da Escola Bíblica Dominical**. Didática Aplicada à realidade do ensino cristão. 1ª Edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- WOLFF, Elias. **Santa Ceia/Eucaristia em tempos de COVID-19**. Perspectivas católicas e luteranas - um diálogo. *Perspect. Teol.*, v. 52, n. 3, 2020.

## Um diálogo entre Grant Osborne e G. K. Beale a respeito de Apocalipse 20.1-6: Entendendo o amilenismo a luz das diferenças com o pré-milenismo

Me. Gedimar dos Santos Maia Junior<sup>1</sup>

### RESUMO

A perícopes de apocalipse 20.1-6 é uma das mais importantes perícopes do livro. Sua importância se dá, pois, é neste trecho que aparece pela primeira vez a ideia do milênio. Ao longo da história, houve diversas interpretações e neste artigo, buscaremos analisar algumas delas a fim de chegarmos a uma conclusão ou não de uma possível visão verdadeira. Para isso, faremos uma breve introdução mostrando a importância do livro, seu contexto imediato e uma possível chave hermenêutica. Após isso, colocaremos Grant Osborne e G. K. Beale para dialogarem. Concomitantemente a este diálogo, traremos outros autores para agregar no nosso argumento crítico. Por fim, tentaremos mostrar os pontos fortes e fracos e qual a nossa posição diante das posições dos autores.

### PALAVRAS-CHAVES

Hermenêutica; Amilenismo;  
Pré-milenismo;  
Grant Osborne,  
G. K. Beale.

Esse artigo surgiu após o fechamento do módulo de mestrado oferecido pelo Seminário Betel Brasileiro em São Paulo. Nas aulas, o professor havia desafiado uma resposta amilenista ao pré-milenismo. Naquele momento, os amilenistas não tiveram bons argumentos para apresentar, sobretudo, ao tema do milênio. Por isso, esse texto foi escrito para responder ao professor. A posição deste pesquisador é amilenista e buscaremos analisar o amilenismo comparando-o com outra visão sobre o milênio, a saber: o pré-milenismo.

### 1. Considerações iniciais

Segundo os autores que escreveram o comentário bíblico publicado pela CPDA (2009, p. 820): “O livro do Apocalipse revela Deus e o seu plano para o futuro. E é tudo verdade”. Acreditamos que todos os estudiosos bíblicos endossam (ou deveriam) esta fala. Porém, ao longo dos anos<sup>2</sup>, algumas visões interpretativas ganharam destaque e através dessas visões muitos representantes surgiram. Dentre os representantes se encontram Grant Osborne e G. K. Beale.

O primeiro defende uma linha pré-milenista e o outro uma visão amilenista. Diante dessas duas lentes, buscaremos ampliar o nosso conhecimento a respeito do amilenismo, pela simples razão de crermos que esta visão é mais coerente. Diante desse propósito, uma das perguntas que responderemos será: no que se refere ao milênio, quais são os argumentos dos amilenistas e dos

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Betel Brasileiro. Mestre (ThM) em hermenêutica e pregação pelo Seminário Teológico Betel Brasileiro. Mestrando (MDiv) em teologia no Seminário Martin Bucer. Professor de teologia e filosofia nos seminários Betel Brasileiro.

<sup>2</sup> Para saber mais e de forma introdutória a respeito do desdobramento histórico, veja a obra: ERICKSON, Millard J. **Escatologia**. A polêmica em torno do milênio. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 66-130.

pré-milenistas?<sup>3</sup> Mas antes de entrarmos no tema, faz-se necessário expormos um pouco a respeito do livro de Apocalipse.

Não podemos perder de vista que o livro de Apocalipse foi escrito com um objetivo. Tenny certa vez disse que (2008, p. 393): “Mesmo que essas passagens sejam interpretadas como se referindo a acontecimentos futuros, a atmosfera de Apocalipse é de hostilidade e opressão”. Ou seja, de alguma forma, o texto de Apocalipse deveria fazer sentido para o seu destinatário ao invés de fazer sentido apenas ao público futurista.

Pensando nisso (o texto de Apocalipse deveria fazer sentido para o seu destinatário), um pouco mais a frente Tenny (2008, p. 393) continuou: “Apocalipse foi escrito para encorajar as igrejas, que sentiam essa hostilidade crescente, e para avisar os cristãos descuidados e negligentes”. Keener, ao comentar a respeito do contexto em que o livro foi escrito, disse que (2017, p. 906): “Muitos textos judaicos<sup>4</sup> retratavam um reinado intermediário entre o tempo presente e o futuro reino eterno”.

Tendo o contexto em mente, talvez as acusações de Beale (2018, p. 1) frente ao tipo de interpretação tenha o seu valor: “Uma das maiores tragédias da igreja nos nossos dias é o modo tão limitado e incorreto em que Apocalipse tem sido interpretado: um foco obsessivo no futuro fim dos tempos”. Com outras palavras, será que o único objetivo deste livro era de fato revelar o futuro desconhecido por aquele povo?

Para responder esta pergunta precisamos olhar para o gênero literário do livro. De acordo com Osborne (2017, p. 14): “Todos reconhecem que Apocalipse é composto de três gêneros: apocalíptico, profético e epistolar”. A discussão a respeito disso não pode ser resumida em um simples parágrafo, mas, achamos necessário dizer que ela existe e que é importante para a reflexão que faremos adiante.

Voltemos às informações de Osborne. O texto possui pelo menos três gêneros; porém, nos estudos modernos, parece que só existe o apocalíptico (há exceções). Não obstante, poucos exploram o gênero epistolar concordando talvez com o que Osborne disse (2017, p. 14): “O menos importante, apesar de útil, é o fato de ser uma epístola”.

Considerando o contexto dos destinatários imediatos, ou seja, as igrejas que se encontravam na Ásia, será que de fato o único objetivo de João foi ser futurista? Se avaliarmos os conteúdos, veremos que há uma certa preocupação pastoral ali, ou seja, um certo olhar ao mundo

---

<sup>3</sup> É importante deixar claro que nem todos os pré-milenistas concordam com as conclusões de Osborne. A razão disso é porque, há duas escolas pré-milenistas, a saber: a escola histórica e a escola dispensacionalista.

<sup>4</sup> Ele citou alguns exemplos: o de 4 Esdras 7.28-30; 2 Baruque 29.3; 30.1-5; 40.3” in: (KEENER, 2017, p. 906).

presente. Como disse Carson (2014, p. 540): “As visões de João são uma fonte de consolo para crentes sofrendores e perseguidos de todas as épocas”. Porém, isso é assunto para outro artigo.

Não poderíamos deixar de dizer que o livro de Apocalipse contém várias alusões do Antigo Testamento. Citando um exemplo, Beale e Carson certa vez disseram que (2014, p. 784): “A passagem de Isaías 24.21,22 é a base para Apocalipse 20.2,3”. Não temos espaço neste artigo para explorarmos mais a respeito deste assunto, mas podemos adiantar que há muito a ser analisado.

Por fim, a leitura do Apocalipse exige do leitor certas decisões. Por exemplo, o verso de Apocalipse 1.19 – “*Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer*”, é central para compreender os eventos futuros. Vejamos um exemplo. Beale, ao introduzir o seu comentário de Apocalipse, fez a seguinte comparação (2018, p. 26-27):

Visão futurista	Comentário de Beale sobre o futurismo
As “ <i>coisas que viste</i> ” referem-se, nessa perspectiva, à visão inicial do passado descrita nos versículos imediatamente precedentes.	A ordem para escrever “ <i>as coisas que viste</i> ” não parece ser apenas uma referência ao passado ou ao que João viu nos versículos precedentes. Parece antes retomar 1.11, em que a voz angélica diz a João: “ <i>o que vês escreve</i> ”.
As coisas “ <i>que são</i> ” dizem respeito à situação presente nas sete igrejas, conforme aborda.	“As que são” referem-se inteiramente a fatos que estão acontecendo no tempo presente das sete igrejas.
As “ <i>coisas que hão de acontecer depois destas</i> ” são os acontecimentos do futuro, especificamente a volta de Cristo e os acontecimentos imediatamente anteriores a ela.	Essa última cláusula não deve ser limitada a acontecimentos do futuro distante, mas, antes, inclui todos os acontecimentos do período entre a ressurreição e a volta de Cristo.

Conforme vimos no quadro, parece útil, antes do estudo do livro de Apocalipse, tomar certas decisões hermenêuticas e para ser capaz de decidir o leitor precisa sair da dimensão das teologias sistemáticas e se envolver com o estudo da hermenêutica, exegese, teologia histórica e obras primárias de autores que comentaram o livro de apocalipse.

Este artigo buscará fazer este movimento. Ou seja, ao invés de confiar piamente nos autores sistemáticos, buscaremos nas fontes primárias de dois grandes estudiosos contemporâneos, analisar suas diferenças e de forma honesta nos posicionarmos na linha que concluímos ser a mais coerente com a verdade. A pergunta central deste artigo será a seguinte: é possível defender a posição amilenista? Estamos cientes que esse texto não irá resolver a questão na amplitude mas acreditamos que a leitura desse texto poderá fomentar outras pesquisas.

## 2. A discussão acerca da função da fórmula $\text{Καὶ εἶδον}$ [*Kai eidon*]

O primeiro elemento de destaque a ser discutido será a composição da conjunção  $\text{Καὶ}$  [kai, trad.: “e ou então”] com o verbo aoristo ativo indicativo  $\text{εἶδον}$  [eidon, trad.: “V?”]. Se olharmos, por exemplo, as Bíblias em língua portuguesa, encontraremos as seguintes traduções: a NVI traduziu como “*v*”. A NVT demonstrou como “*então v*”. Já a NAA manifestou como “*então v*”.



Por fim, a ARA21 interpretou como “*vi*”. Diante dessa análise é correto afirmar que não há concordância na tradução. Embora, no primeiro momento esta discussão pareça irrelevante, veremos que a escolha por um dos tipos de tradução, desembocará em duas visões: uma defendida por Grant Osborne e a outra por G. K. Beale.

De acordo com o primeiro (Osborne), esta fórmula conecta este trecho às cenas anteriores de forma cronológica. Ou seja, o trecho de Apocalipse 20.1-6 sucede a um conjunto de cenas que se inicia no capítulo 17 e desemboca no capítulo 20.7-15 – onde trata a respeito do juízo final. “Com base no uso dessa expressão em todo o livro, creio que ela não seja um indicador temporal. Há uma sequência narrativa, e os acontecimentos na visão se sucedem” (OSBORNE, 2017, p. 781). Neste sentido, a tradução da NVT e NAA [“então vi”] de certa forma, ajuda na sustentação deste argumento.

Para Beale (2018, p. 395), tal interpretação não pode ser sustentada, pois, ele entende que esta fórmula funciona como uma palavra de transição que surge após o encerramento de uma ideia anterior: “(...) com frequência em Apocalipse “e/então” funciona como uma palavra de transição que simplesmente indica uma nova visão e não necessariamente uma sequência “cronológica””<sup>5</sup>.

Resta-nos investigar o pano de fundo que está por detrás dessas conclusões. Beale chegou a esta conclusão porque sua lente hermenêutica é diferente da visão de Osborne. Ele vê o texto em vários momentos como “simbólicos” (2018, p. 396) e Osborne, até onde pudemos perceber, de forma mais “literal”. Este defendeu a estrutura do texto num plano cronológico, e desta forma, parece-nos que não há muito que explorar. Mas, e aquele? Como ele explicaria a relação entre o capítulo 20 e os capítulos 17-19?

Como introdução a explicação, Kistemaker (2014, p. 691) pareceu-nos útil quando disse: “Observamos que o capítulo 20 apresenta um quadro que é concorrente com os capítulos antecedentes que narram cenas repetitivas do julgamento”. Sua fala cria uma tensão de lentes, principalmente quando expressa a ideia da “repetição”. Ou seja, se o capítulo 20 é um reforço de ideias que já foram expostas nos capítulos anteriores, logo a ideia cronológica já não faz sentido.

As traduções da NVI e ARA21, também parecem contribuir para uma possível explicação. Quando lemos “Vi” sem a conjunção, a sua forma pode corroborar no sentido de conduzir o leitor a um entendimento de que um novo assunto se inicia; ou considerando as contribuições de Hendriksen (2021), o assunto está sendo explorado, ora por meio de um reforço ora por uma função de ampliação.

---

<sup>5</sup> Partindo de uma interpretação eclética, ou seja, não idealista, Duvall chegou à mesma conclusão que Beale: “John frequently uses the expression “and I saw” (kai eidon) to move from one vision to another, but not necessarily to indicate a chronological sequence (e.g., in the immediate context in 19:11, 17, 19; 20:1, 4, 11, 12; 21:1)”. In: DUVALL, J. Scott. **Revelation**. Teach the Text Commentary. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2014, p. 276.

Concordando com Kistemaker, Beale entendeu que o capítulo (2018, p. 395): “20.1-6 refere-se ao curso da era da igreja, que precede temporalmente a narrativa do juízo final nos capítulos 17-19, enquanto, por outro lado, 20.7-15 recapitula a descrição do juízo final em 19.11-21”. De outra forma, a semelhança de temas vistos nos capítulos 17-19 e 20.7-15 faz Beale romper com a ideia cronológica de Osborne e concluir que embora o assunto da prisão de Satanás seja posterior ao tema do juízo (registrado em 17-19) ele não se refere ao futuro sequencial, mas está relacionado com o seu contexto imediato de um reino que não haverá de vir, mas que já está vigorando.

Portanto, as diferenças entre as lentes hermenêuticas, a luz do que vimos se resume em: por um lado, os pré-milenistas entendem que Apocalipse 20.1-6 é uma cena que depende das outras para fazer sentido; por outro, os amilenistas concluem que este trecho antecede inclusive os capítulos 17-19, pois compreendem que os conteúdos destes capítulos serão explorados na sequência do capítulo 20 versos 7 a 15.

Isso fará ainda mais sentido quando pensarmos a respeito de como ambas as linhas defendem o milênio. Esse será o nosso próximo tema.

### 3. A discussão a respeito do milênio

Osborne, após a exposição de como os judeus compreendiam esse assunto na época em que João escreveu o livro, levantou a seguinte questão (2017, p. 784): “Devemos considerar esse tempo como um reinado literal de mil anos ou apenas como mais um caso de uso simbólico dos números?”. Esta será a questão que trabalharemos agora, principalmente no que se refere às respostas de ambos os estudiosos. De outra forma, sobre esse assunto há concordância?

Não obstante, parece útil expormos rapidamente o entendimento geral das lentes adotadas por cada um, até porque, a ideia por detrás dos termos amilenismo e pré-milenismo está relacionada diretamente ao entendimento do milênio.

#### 3.1 *A visão pré-milenista*<sup>6</sup>

“O termo “pré-milenarista” é derivado de três termos latinos que o compõem: *pre* (“antes”), *mille* (“mil”), e *annum* (“anos”). O prefixo “pré” significa que Jesus retornará antes do milênio a fim de estabelecê-lo” (GENTRY JR, 2003 p. 147). Beale concluiu que (2018, p. 395): “(...) os pré-milenistas acreditam que o milênio ocorreria depois da segunda vinda de Cristo”. De outra forma, mas usando as palavras de Tenny (2014, p. 397-398), esta escola afirma que:

---

<sup>6</sup> É importante dizer que a visão pré-milenista adotada por Osborne é histórico-clássico. Há uma outra escola de interpretação conhecida como “pré-milenismo dispensacionalista”. Para saber mais a respeito desta veja: WALVOORD, John. **Revelation**. Chicago: Moody Publishers, 2011.

Cristo voltará pessoalmente para iniciar seu reinado; os justos serão ressuscitados, reinando somente com ele na terra durante mil anos; após seu reino, haverá uma rebelião final que será imediatamente reprimida; e os ímpios serão julgados, momento em que se inicia o estado eterno.

Ou seja, considerando os comentários dos estudiosos acima, os pré-milenistas defendem que a igreja não está vivendo o período de mil anos; pelo contrário, o evento (1000 anos) só acontecerá após a segunda vinda pessoal de Jesus concomitantemente com a ressurreição dos justos e isso se desdobrará com a rebelião de alguns, o julgamento final e o estado eterno.

Até aqui, tudo bem. Mas o que pensa Grant Osborne a respeito da sua posição? Eis então a resposta (2017, p. 779):

O pré-milenismo crê que Cristo retornará à terra, destruirá as forças do mal e reinará neste mundo por mil anos. Tal período terminará com a rebelião e a destruição definitiva de Satanás, seguida do juízo final e do início da era futura.

Considerando as palavras de Osborne como autoritativa no assunto, até porque, esta é a posição que ele endossa, vimos que de forma geral há certa concordância (com as definições dos estudiosos) no entendimento do termo. Mas poderíamos dizer o mesmo da definição do amilenismo?

### 3.2 *A visão amilenista*

Gentry Jr, um pós-milenista, certa vez disse que (2003, p. 127): O termo “amilenarismo” deriva-se de “*a*” (que significa “não”), *mille* (“mil”) e *annum* (“anos”, ou seja, “mil anos”). Depois da análise dos termos, ele contribuiu com uma definição (GENTRY, 2003, p. 127): “O ponto de vista amilenarista nega o reinado de Cristo sobre a terra durante mil anos ou mesmo qualquer situação do tipo milenar predominante na terra na ordem anterior à consumação”.

A definição acima apresenta um ponto importante ligado ao verbo “negar”. Resta-nos agora avaliar se de fato os amilenistas afirmam isso. Mas antes de observarmos a definição amilenista, o próprio Osborne já refuta essa ideia de negação. Vejamos a sua definição:

O amilenismo sustenta a visão de que não haverá um reinado literal de Cristo após a *parúsia*. Os proponentes dessa posição dizem que Cristo está reinando agora, durante a era da igreja. Mais propriamente, Apocalipse 20.1-10 é simbólico e descreve a situação durante a era da igreja, entre os adventos de Cristo.

Após a definição, precisamos agora esclarecer o que se entende por “refutação”. Se levássemos o argumento de Gentry ao pé da letra, a ação seguinte resultaria num desprezo cego da

visão amilenista. Quando Osborne definiu, ele ampliou sua análise esclarecendo de forma mais responsável a posição na qual ele não endossa.

Porém, o comentário do Gentry não foi incoerente. O próprio Beale busca esclarecer esta questão (2018, p. 395): “É melhor referir-se a essa terceira visão como “milenismo inaugurado”, uma vez que “amilênio” significa literalmente “nenhum milênio””. Desta forma, podemos perceber que até os próprios amilenistas entendem que este termo precisa de esclarecimento. Porém, isso não quer dizer que seja mais honesto reduzir o amilenismo a uma ideia de “negação”.

Portanto, uma definição respeitando as peculiaridades já vistas seria dada por Beale. Para os amilenistas (2018, p. 395): “o milênio começou na ressurreição de Cristo e será concluído imediatamente antes da sua segunda vinda. Essa visão tem sido chamada de amilenismo”. E neste sentido, as contribuições de Osborne estão mais próximas do que a de Gentry.

### 3.3 Os argumentos a respeito do termo *χίλια ἔτη* [*chilia ete*]

Passemos agora a avaliar as interpretações a respeito da expressão: *χίλια ἔτη* [*chilia ete*]. De outra forma, quais são as contribuições das lentes a respeito dos “mil anos” ou como eles compreenderam e por quê. Segundo Osborne (2017, p. 784): “A resposta depende, em grande medida, das decisões exegéticas anteriores sobre o sentido dos números mencionados no livro”. No entanto, quais são essas decisões? A resposta está relacionada a se *χίλια ἔτη* e outros números são simbólicos ou não.

Não há dúvidas que, seja qual for a lente adotada, ambos concordam que alguns trechos devem ser interpretados de maneira simbólica. Embora Walvoord interprete os mil anos como literal, ele confessou que algumas passagens devem ser interpretadas como simbólicas (2011, p. 4):

O simbolismo ocorre em toda a Escritura como um veículo para a revelação divina, principalmente no livro final do NT, porque devido ao seu caráter apocalíptico, este livro contém mais símbolos do que qualquer outro do NT.

A posição de Osborne sobre os mil anos é “surpreendente”<sup>7</sup> (2017, p. 784):

(...) devemos considerar esse tempo como um reinado literal de mil anos ou apenas como mais um caso de uso simbólico dos números? A resposta depende, em grande medida, das decisões exegéticas anteriores sobre o sentido dos números mencionados no livro, como 144 mil (7.4) ou 42 meses (11.2). Se esses outros números são simbólicos (conforme argumentei nessas passagens), então é provável que esses mil anos também o sejam. Múltiplos de dez eram, frequentemente, usados nos escritos

<sup>7</sup> Este artigo foi escrito após ter escutado que Osborne era um literalista. Com outras palavras, ouvimos na sala do mestrado que ele defendia a literalidade dos mil anos. Por esse motivo, usamos a palavra “surpreendente”, pois, após a validação do artigo, o Doutor Paulo Cesar nos mostrou que isso não era verdade.

judaicos de forma simbólica, e é provável que a expressão aqui se refira a um período de tempo indefinido, mas perfeito.

As palavras de Osborne já mostram a diferença entre as duas escolas pré-milenaristas. Enquanto Walvoord crê que os “mil anos” são literais, Osborne entende que é simbólico. Concordando com o segundo, ao interpretar a expressão *χίλια ἔτη* [*mil anos*], Beale (2018, p. 408) concluiu que: “não se trata de um número literal cronológico”. No caso da visão amilenista, no primeiro momento, a opção pelo uso simbólico, não depende muito de outros elementos implícitos no texto (no sentido cronológico), como por exemplo: “a prisão de Satanás durante os mil anos”<sup>8</sup>. O motivo é porque em outras passagens os números são interpretados de “forma simbólica” (BEALE, 2018, p. 408).

Beale amplia o seu argumento dizendo que a expressão vista em Apocalipse 22.5 “viverão pelos séculos” é uma continuação do reino que já foi inaugurado (2018, p. 412):

A afirmação em 22.5 de que os santos “reinarão pelos séculos dos séculos” na eternidade é uma continuação do reinado que começou durante o período milenar, e não deve ser sobreposta a 20.4-6, como se os dois reinados fossem simultâneos.

Ou seja, neste sentido, os amilenistas crêem também de forma sequencial, mas apenas na parte final de Apocalipse. E o motivo para isso está relacionado com a ressurreição. Este grupo entende que “a primeira ressurreição é espiritual e a segunda física” (BEALE, 2018, p. 412).

O ponto dessemelhante continua sendo a discussão que envolve o termo *Καὶ εἶδον* [*Kai eidon*]. Aliás, mesmo que haja uma concordância a respeito da interpretação dos mil anos, o papel de satanás nesse período os separa. Sobre isso disse Osborne (2017, p. 786):

Nessa passagem, Satanás não “engana” até 20.7-10, quando ele é solto, como declarado na última frase: “até que os mil anos se completassem”. Depois disso é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo”. O “é necessário” divino significa que Deus determinou ser necessária a soltura do Diabo por um breve período final.

Perceba que Osborne faz um apontamento interessante. Para ele, no trecho de Apocalipse 20.1-6 satanás não engana ninguém. Parece que o diabo passa a enganar a partir do momento que o milênio se encerra.

---

<sup>8</sup> A ideia de não depender do relato citado não quer dizer que não haja uma interpretação ou relação. Pelo contrário. No entanto, como veremos a seguir, um dos argumentos que os pré-milenistas usam para sustentar que os mil anos não são simbólicos e, portanto, haverá de acontecer após a primeira volta de Jesus, está literalmente ligado à cena da prisão de Satanás. Já os amilenistas interpretaram esta cena como algo que já está acontecendo em nossos dias. Para saber mais sobre veja: (BEALE, 2018, p. 395-434).

Beale, de certa forma, concorda com essa ideia, no entanto, para ele, a cena da impotência de satanás se dá na “presente era”, mas com uma ressalva, pois o diabo não pode enganar os cristãos na área espiritual (2018, p. 403): “A selagem dos cristãos (7.3; 9.4) não os protege em todos os aspectos, mas apenas do dano espiritual mesmo que eles possam ainda sofrer perseguições físicas”.

Ao lermos a conclusão de Osborne fica claro que ela não dialoga com o conceito simbólico de Beale. Com suas palavras, vejamos como ele concluiu (p. 2017, p. 786):

Durante mil anos, aquelas pessoas entre as nações que adoraram a besta estarão sob o controle soberano de Jesus e serão governadas pelos santos. Elas não experimentarão a interferência de Satanás em sua vida nem serão enganadas de forma alguma por ele. Tudo que elas vivenciarão será o governo bondoso do próprio Jesus. Contudo, depois de um tempo equivalente a catorze períodos de vida de bondade imposta, tão logo Satanás seja solto, essas pessoas novamente se permitirão ser “enganadas” e o seguirão.

Nos termos da lente pré-milenista, há uma sequência cronológica clara. Toda a terra estará sob o domínio de Jesus, porém, após um período de paz, muitos preferirão continuar numa vida miserável de engano e voltarão a seguir o diabo.

É bom deixar claro que não podemos reduzir a discussão apenas ao trecho analisado (Apocalipse 20). O que dá suporte às lentes hermenêuticas vai muito além do que esboçamos aqui. Porém, não podemos descartar a utilidade dos elementos que escolhemos a fim de analisar as duas visões.

De um lado, vimos um erudito que defende uma interpretação cronológica do texto de Apocalipse e do outro uma interpretação atemporal, ou seja, o livro deve ser interpretado tendo em vista que em vários momentos o autor recebe o seu conteúdo. Inclusive, conforme vimos, a grande diferença entre os autores está ligada à decisão exegética de optar ou não por linha cronológica.

De outra forma, a posição cronológica defende que Jesus virá reinar por um período de mil anos (segundo Osborne, uma expressão figurativa) e Satanás será solto e por fim virá o fim. Já Beale compreendeu que Jesus já inaugurou o seu reino e Satanás já está trabalhando contra esse reino, mas impotente no que se refere a vida espiritual dos salvos.

## **Considerações finais**

Após a exposição deste artigo, gostaríamos de esclarecer que há outros temas dentro de Apocalipse 20.1-6 que não abordamos de forma mais profunda no artigo. Vejamos pelo menos mais duas questões: Se o milênio está em vigor, como explicar as ações do diabo hoje, haja vista que o texto bíblico diz que ele estaria preso durante o milênio? E, como a figura do anjo sustenta

o argumento dos amilenistas de que o milênio já foi inaugurado por Cristo? Essas questões deverão ser trabalhadas em outro artigo por pelo menos dois motivos: o primeiro porque nosso objetivo à luz do texto de Apocalipse 20.1-6 foi compreender as lentes ligadas ao tema do milênio. O segundo motivo foi por causa do pequeno espaço que tivemos neste artigo.

Também devemos esclarecer que para um entendimento mais amplo do tema das lentes, é necessário discorrer sobre os assuntos faltantes. Não podemos adotar lentes teológicas à luz de interpretações de parte de textos. Além do mais, o entendimento da figura do anjo e da figura de satanás é fundamental para um entendimento mais holístico não só de apocalipse 20.1-6, mas de todo o livro.

Antes de escrevermos esse artigo, ouvimos na sala de aula que os reformadores eram hipócritas pois, segundo o professor, eles defendiam a literalidade da Bíblia, mas ao lerem Apocalipse eles adotavam um olhar simbólico. Sobre isso, ficou claro neste texto que não importa qual escola o teólogo esteja, ambas defendem que em alguns trechos a interpretação simbólica é importante.

Da mesma forma, é incoerente ouvir os pré-milenistas, sobretudo da escola dispensacionalista (posição do professor), dizerem que são mais honestos ao defenderem a literalidade do texto mas quando chegam nas passagens que relatam coisas como: (1) “cavalos com cabeças de leões, de cuja boca sai fogo, fumaça e enxofre” Ap 9.17-18; (2) “gafanhotos que se assemelham a cavalos, têm coroas na cabeça, mas o rosto é de homem, os cabelos de mulher, os dentes de leão e têm couraças de ferro” Ap. 9.7-9; interpretam-as de forma simbólica.

Diante de textos difíceis (como boa parte do texto de Apocalipse) devemos adotar a hermenêutica da humildade conforme nos ensinou Osborne (2017, p. 18): “Assim, ao interpretar os símbolos de um livro, precisamos primeiramente de uma “hermenêutica da humildade” para admitir que “vemos como por um espelho, de modo obscuro”” (1 Co 13.12).

À luz deste comentário de Osborne, respondemos à pergunta deste artigo: é possível defender a visão amilenista? Em resposta, dizemos que sim. Parece-nos mais seguro olhar para o milênio com as lentes amilenistas. Para justificarmos, usaremos os elementos expostos anteriormente, mas, existem outras razões que serão discutidas em outros artigos.

O motivo é que concordamos com Beale de que o texto de Apocalipse 20.1-6 não está ligado de forma cronológica ao texto do capítulo 19. Ou seja, este primeiro trecho antecede as cenas dos capítulos 17-19 e os assuntos destes capítulos são reforçados na segunda parte do capítulo 20.7-15.

Sobre o sub-título desse artigo, a saber: *entendendo o amilenismo a luz das diferenças com o pré-milenismo*, ficou claro que o amilenismo não defende uma visão cronológica bem como um reinado

simbólico no futuro. Pelo contrário, com a encarnação de Jesus o seu reino teve o seu início e sua igreja peregrina confiante que ele voltará e do futuro só restará a Nova Jerusalém.

Por fim, precisamos pontuar que existem falhas nesta visão, coisas que só saberemos quando estivermos com Deus. Um exemplo: Baele em algum momento disse que o inimigo será solto. O texto bíblico é claro ao dizer que ele será solto a fim de enganar muitos. No entanto, na visão amilenista Cristo virá de forma imediata, ou seja, se Cristo virá ao mesmo tempo em que o diabo será solto, quem o diabo enganará?

Questões como esta, poderá levar o leitor deste artigo a adesão dos argumentos pré-milenistas. Pois, nos parece que a explicação a respeito disso é mais coerente. Porém, mesmo diante deste problema, aplicamos aqui a hermenêutica da humildade, entendendo que uma coisa é certa: Cristo voltará.

O artigo foi recebido em: 15/11/2024 e aprovado em: 15/01/2024.



## Referências bibliográficas

- BEALE, G. K. **O brado de vitória**. Um breve comentário do livro de Apocalipse. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- \_\_\_\_\_ & CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BLAISING, Claig A. & BOCK, Darrell L. **Dispensacionalismo progressivo**. Niterói, RJ: Concílio, 2020.
- DUVALL, J. Scott. **Revelation**. Teach the Text Commentary. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2014.
- DIVERSOS AUTORES, **Comentário do Novo Testamento**. Aplicação pessoal. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- ERICKSON, Millard J. **Escatologia: A polêmica em torno do milênio**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- GENTRY JR, Kenneth L. **Pós-milenarismo para leigos**. Brasília: Editora Monergismo, 2003.
- HENDRIKSEN, William. **Mais que vencedores**. São Paulo: Cultura Cristã, 2021.
- KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Apocalipse**. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014.
- OSBORNE, Grant. **Apocalipse**. Comentário. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- RUSHDOONY, R. J. **O plano de Deus para a vitória** O significado do pós-milenarismo. Brasília: Monergismo, 2008.
- SANDLIN, Andrew. **Pós-milenarismo: um guia introdutório**. Brasília: Monergismo, 2014.
- TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento: Sua origem e análise**. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

## RESENHA

WEBSTER, John. **Biblical Reasoning**. In:\_\_\_\_\_. (org.). *The Domain of the Word: Scripture and Theological Reason*. Edimburgo: T&T Clarck, 2012. p. 115-132. ISSN 2965-5234

John Bainbridge Webster foi um sacerdote e um proeminente teólogo inglês que escreveu, principalmente, na área de teologia sistemática, histórica e moral. Webster nasceu em Mansfield, Inglaterra, em 20 de junho de 1955, e teve sua formação educacional em *Bradford Grammar School* e na universidade de Cambridge, onde obteve seu título de mestre e doutor. Além disso, Webster serviu como tutor e capelão na Durham University de 1982 a 1986. Posteriormente, atuou como professor de teologia sistemática na Wycliffe College, Universidade em Toronto, Canadá, entre 1986 e 1996. Durante 1996 a 2003 ocupou a cadeira de Professor de Divindade na Universidade de Oxford. Depois de um período de profícuas contribuições acadêmicas, ele morreu em sua casa na Escócia em 25 de maio de 2016 – neste período ele atuava como professor de divindade no St. Mary's College, Universidade de St. Andrews, na Escócia.

“Biblical Reasoning” é um ensaio no qual John Webster define a teologia cristã como razão bíblica. Segundo ele, teologia cristã não se resume apenas a encadeamentos filosóficos-teológicos, mas sim a pensar na perspectiva de Deus. É a atividade da razão criada, julgada, redimida e santificada pelas obras do Filho e do Espírito. E esse é o mote que rege todo o ensaio. As principais reflexões encontradas no texto referem-se ao lugar da Escritura na razão e na economia divina; à definição ampla da economia divina; a como os debates em relação à autoridade obscurecem a direção e o sentido da interpretação; e à designação da natureza da razão e das Escrituras.

Webster desenvolve sua argumentação em quatro direções: primeiro, a economia divina está fundamentada na perfeição imanente da Santíssima Trindade – Deus não se esgota na revelação. Em outras palavras, contemplar a criação, interpretar as Escrituras é uma prática devocional inteligente, na qual se reflete sobre quem Deus é, pois Ele primeiro se revelou, sem se contradizer nessa revelação. Segundo a economia divina convoca as criaturas a conhecer e amar a Deus como criaturas. É necessário compreender que a economia divina coloca a criatura no seu devido lugar. Terceiro, a economia compreende a história da redenção, embora não a abranja em sua totalidade. As criaturas não possuem o poder de alterar a ordem das coisas, por mais que estejam inseridas na economia, quem determina ordem das coisas é quem Deus é em si mesmo. Portanto, a economia é uma ratificação dos atos perfeitos e divinos de Deus. Quarto, a economia é a eloquência comunicativa de Deus em Sua presença. Deus, realiza mais do que efeitos objetivos, Ele também transmite para a criatura o conhecimento de si mesmo.

O autor relaciona a economia em relação à Escritura e à razão. Para ele, a Escritura se relaciona com a economia por meio da operação externa do Verbo, mas também possui uma correspondência interna. A Escritura existe como um auxílio criacional para a obra da revelação da economia. Além disso, Webster localiza a Escritura como a disponibilidade do ministério apostólico e profético, indo além da ocasião original em que ela foi dada. Para corroborar sua ideia, Webster estabelece uma correspondência com as realidades sacramentais (Santa Ceia e Batismo), que são participações ritualísticas antigas, mas que continuam sendo replicadas e disponíveis até hoje. A leitura da Escritura, nesse sentido, é um envolvimento na disponibilidade do ministério profético e apostólico.

No que diz respeito à razão, Webster utiliza o conceito de D. Tuner<sup>1</sup>, que define a razão como graça e dom de amor, que mesmo após a queda ainda é uma graça. Quando a razão se une e participa na Palavra, em espírito, ela recupera sua direção vocacional. O Espírito reorienta a razão para a Escritura, e somente após essa reorientação a razão é autorizada para julgar e dirigir. A teologia cristã é um modelo desse julgamento redimido. Webster declara que a razão é o principal instrumento de comunhão com Deus. O Criador dá razão às criaturas para que elas possam escutá-lo, conhecê-lo, amá-lo e obedecê-lo.

Além disso, Webster compreende que a razão não parte apenas da realidade observacional, mas proporciona um contato metafísico e não voluntarista com a realidade, já que o fundamento da razão está em Deus mesmo - as criaturas têm razão porque têm Deus. Ele prossegue afirmando que a queda desenraíza a razão e, assim como todas as outras partes da redenção, é redimida pelo perdão de pecados. Webster salienta que a razão vive em um processo contínuo de morte e ressurreição: morte para pensamentos decaídos e ressurreição para o novo de Deus.

Webster, confessa a teologia cristã como raciocínio bíblico, uma reflexão do discurso do evangelho de Deus por meio da embaixada da Escritura. A Escritura é o princípio cognitivo da teologia; levando em consideração que a Escritura é o lugar para o qual a teologia é direcionada, e Deus é o seu princípio ontológico. Webster destaca que a razão bíblica não existe dissociada de Deus, pois ela tem origem em Deus e se encontra inserida em sua companhia, naquele que se deixou ser objetivo somente para ser o seu Senhor.

“Biblical Reasoning” é uma obra singular e indispensável para qualquer estudante de teologia. Este ensaio apresenta uma abordagem diferenciada e, com seus argumentos sólidos, promove uma reflexão significativa sobre a razão, a teologia cristã e a Escritura, partindo da imanência do Deus triúno. Trata-se de uma leitura bastante complexa, que exige conhecimentos

---

<sup>1</sup> D. Turner, Faith, Reason and the Existence of God (Cambridge: Cambridge University Press, 2004), p. xiv.

prévios para ser entendida, além de diversas releituras e pesquisa de termos técnicos. Essa obra é direcionada, devido à sua densidade, para o teólogo acadêmico.

Me. Carlos Ermerson Silva de Sena

## RESENHA

CHAPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**: um guia prático e teológico para a pregação expositiva. 3ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016. ISSN 2965-5234

Bryan Chapell (PhD em Comunicação e Mestre em Divindade), se destaca pelo profundo conhecimento teológico e notável capacidade retórica. Com 68 anos de idade, e quase 45 de casamento, o ex-diretor do *Covenant Theological Seminary* é pai de quatro filhos e avô de um crescente número de netos. Embora tenha sido pastor titular da Grace Presbyterian Church por muitos anos, atualmente é secretário da Igreja Presbiteriana na América, dedicando-se majoritariamente à família, às conferências, e à escrita de livros. Tendo muitas obras publicadas, destaca-se em língua portuguesa “Pregação Cristocêntrica”, objeto de análise desta resenha.

Como bom presbiteriano que é, pode-se resumir as perspectivas teológicas do autor como reformadas. Há uma profunda crença na escritura como única regra de fé e prática, e na sua proclamação querigmática como inerentemente poderosa (p.18- 19). Não obstante, pode-se ir além, e perceber um incomum – porém salutar – apego à Teologia Bíblica (TB) como instrumento hermenêutico, ao ponto de demonstrar ser adepto do método Histórico-Redentivo do Geerhardus Vos. Isso o aproxima demasiadamente do Sidney Greidanus (que é referenciado mais de 20 vezes na obra), e o distancia do James Braga, homileta autor do clássico “Como preparar mensagens bíblicas”, de 1969.

A tese central do autor é de que qualquer sermão bíblico deve considerar o contexto da autorrevelação de Deus na Escritura, sendo, portanto, teocêntrico; o sermão bíblico deve partir daquilo que o autor chama de FCD – Foco na Condição Decaída – que vê o homem como incapaz de salvar a si mesmo, ser bom ou mesmo plenamente feliz, sendo, portanto, dependente de Deus e sua graça (o que evita mensagens antropocêntricas, moralistas ou de autoajuda). Deste modo, considerando Deus como centro e partindo do homem como alguém que necessita urgentemente de salvação, a pregação se tornará sempre e inevitavelmente cristocêntrica, não por alegorias ou jogos de palavras, mas por apresentar a realidade da condição humana e Cristo como solução divina (p.320).

Para defender esta tese, o autor articula sua argumentação em onze capítulos principais, divididos em três sessões organizadas de forma bastante curiosa: começando com uma introdução conceitual e técnica; indo para uma parte mais prática, na qual a estrutura sermoneal é discutida; concluindo com um retorno à teoria, articulando sobre as aplicações da Teologia Bíblica à

homilética. Depois disso, o autor adiciona dez apêndices extremamente práticos e até mesmo situacionais, o que facilmente poderia ser mais uma sessão capitular.

Dos capítulos 1 a 4, no que compreende a primeira parte da obra, o Dr. Chapell apresenta o perfil do ministro e o que Deus espera dele, reciclando os conceitos clássicos de *Logos*, *Pathos* e *Ethos*<sup>1</sup>. Em seguida, ele aborda três elementos que considera chave em qualquer sermão: unidade temática (a ideia concisa e nuclear do sermão), foco na condição decaída (o problema prático que motivou a redação do texto ou que ele irá ajudar a solucionar), e aplicação (parte ortoprática da mensagem). Nos capítulos 3 e 4 ele discute o processo que antecede a preparação do sermão, desde a escolha do texto, aos recursos necessários à uma boa hermenêutica (e aqui ele combina o tradicional método histórico-gramatical com o redentivo), e prossegue até o momento da entrega, tratando da atitude do ministro diante de seu público (isto é, com uma autoridade humilde, que se ergue como arauto da Escritura e se esconde em Cristo), perpassando pelos diferentes tipos de abordagem do conteúdo e priorização, utilizando gráficos tão complexos quanto a própria argumentação.

A sessão prática vai criar uma distinção entre sermão e esboço, abordando-os de forma detalhada e separada nos capítulos 5 e 6, respectivamente, e apresentando métodos e técnicas para elaboração deles. Nos capítulos seguintes, o Rev. Bryan aborda as demais partes que compõem a estrutura do sermão, com uma curiosa (e talvez exagerada) ênfase na ilustração, um destrinchamento das aplicações (com um retorno aos estranhos gráficos do capítulo 4), e um panorama geral da Introdução, Conclusão e Sentenças de Transição.

A última sessão do corpo do livro (considerando o que vem depois como um extra) é, talvez, a mais interessante, onde – como já fora citado – a teologia bíblica brilha e o título da obra ganha sua razão de ser. Faz sentido a parte mais importante ocupar o último lugar aqui, pois se faz necessário toda carga conteudal que foi apresentada até o momento. O autor demonstra, com clareza, como qualquer sermão, seja ele temático, biográfico ou até textual, pode (e deve) ser expositivo e cristocêntrico, tendo os pés firmados (argumentação) e os olhos fitos (objetivo) na redenção. Sua tese central é bem articulada e repetidamente exemplificada.<sup>1</sup>

Há também os apêndices: 76 páginas de dicas práticas, sugestões de textos, e recomendações literárias para as mais diversas circunstâncias, as quais proporcionam ao leitor o desejo de manter este livro sempre ao alcance da mão. É desnecessário dizer o quanto o livro “Pregação Cristocêntrica” é bom e enriquecedor. Se R. C. Sproul (*in memoriam*) disse tão

---

<sup>1</sup>[1] De maneira sintética, a retórica aristotélica é composta por três pilares: Logos, que representa a lógica, a razão; Pathos, que é o emocional, metafísico; Ethos, de onde vem o termo “ética” e aponta para a práxis.

categoricamente ser este o melhor livro de homilética que já leu, é preciso muita coragem e bagagem intelectual para discordar dele.

Não obstante, se uma apreciação crítica for cabível, pode-se dizer que talvez a maior qualidade do Dr. Chapell seja também seu maior problema: sendo ele um cientista da comunicação, às vezes suas orientações parecem rígidas, mecânicas, capazes de travar um leitor inexperiente e deixá-lo mais nervoso do que o necessário sobre certos aspectos secundários da preparação e entrega do sermão. Parece haver pouco ou nenhum espaço para espontaneidade e naturalidade. Isso se torna mais gritante no Apêndice I.

Claro, é excelente uma apreciação técnica da pregação. Se os ímpios preparam suas palestras e defesas sob a lente de especialistas, porque os filhos de Deus não podem fazer o mesmo? Não se pode, contudo, esquecer que Deus usou profetas distintos como Isaías e Amós, e apóstolos de personalidade e jeito opostos, como Pedro e João, e cada um com seu tom e articulação, foi instrumento do Redentor. Como o próprio autor aborda no capítulo 1: a Palavra é inerentemente poderosa.

De um modo geral, este livro é indispensável para estudantes e pregadores que desejam se aprofundar na arte da pregação bíblica. Embora a leitura seja um pouco mais elevada do que o público geral da igreja esteja acostumado, os acadêmicos não terão maiores dificuldades. Não se pode, contudo, entrar e sair de um curso de homilética sem passar por este diamante da teologia prática.

Me. Guilherme Alves da Silva

## RESENHA

KELLER, Timothy. **Perdoar**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2023. ISSN 2965-5234

Timothy Keller, um importante teólogo do século XXI nos deixou no ano de 2023. Antes de partir, porém, ele presenteou a teologia evangélica com o lançamento do livro *Forgive*, lançado nos Estados Unidos no ano de 2022 e publicado no Brasil em 2023. Essa obra se junta a outros livros produzidos por essa mente brilhante. Ao ler o texto, é possível perceber o tom pastoral peculiar do autor. Afinal, como pastor, ele foi plantador de uma igreja nos Estados Unidos. A obra também demonstra a envergadura acadêmica de Keller. Ele nasceu e cresceu em Allentown, Pensilvânia. Sua vida acadêmica iniciou com o seu bacharelado em Bucknell University. Depois ele fez o mestrado em divindade no Seminário Gordon-Conwell. Por fim, fez o doutorado em Ministério e em Divindade pelo Seminário Westminster na Filadélfia, Pensilvânia. No dia 19 de Maio de 2023 Timothy Keller partiu, deixando sua esposa Kathy e seus três filhos, David, Michael e Jonathan.

O livro “Perdoar”, possui uma mensagem urgente. O grande problema que motivou o projeto de escrita foi a “contradição aparente entre perdão e justiça e o senso de que teremos de escolher um ou outro” (p.19). Diante desse questionamento, Keller levanta a seguinte indagação: Mas isso é verdade? Para resolver o problema, Keller divide a obra em três grandes partes, todas elas ligadas ao capítulo inicial, onde ele explora o conceito bíblico do perdão. Esse primeiro capítulo responde à seguinte pergunta: ao estudar sobre o perdão, o que é preciso ter em mente para aproveitar melhor o conteúdo das partes seguintes? Para Keller, inicialmente o leitor deveria considerar que “o perdão humano se baseia na experiência do perdão divino” (p. 29).

A primeira parte, intitulada “Perdendo e encontrando o perdão” (Capítulos 2, 3 e 4), o autor aborda duas perspectivas. Primeiro, ele argumenta que a forma como o perdão é entendido na contemporaneidade é resultado de uma distorção do conceito original. Ele cita as três definições modernas, a saber: o perdão incondicional, derivado da pressão do infrator sobre a vítima; o perdão transicional, onde tudo depende das ações positivas do infrator e do julgamento da vítima; e, por fim, o não-perdão, onde o próprio ato de perdoar entra em conflito com a justiça. A segunda perspectiva, Keller enfatiza que o mundo grego se esqueceu do conceito de perdão. Onde, então, poderíamos encontrar o conceito perdido? O teólogo responde que é no cristianismo, principalmente na Bíblia (p. 77).

Na segunda parte do livro, Tim Keller discute a compreensão do perdão a partir das Sagradas Escrituras, centrando sua resposta na pessoa de Deus e afirmando que Ele é a fonte do



“perdão (amor) e justiça” (p. 96) e que essa realidade é revelada de forma suprema na cruz (p. 100). Na cruz de Jesus, encontramos tanto o perdão (que é a expressão do amor) quanto a sua justiça. Dessa forma, o autor responde ao problema do seu livro, alegando que não há contradição entre perdão e justiça, e a base para essa harmonização se encontra na cruz de Cristo.

Por fim, na última parte, Keller aborda os aspectos práticos do perdão por meio do que ele chama de três dimensões do perdão cristão: o “vertical” que é o perdão oferecido por Deus (capítulo 9); o “horizontal”, que ocorre quando o ofensor se arrepende (capítulo 11); e o “interior”, quando o perdão é oferecido de forma voluntária (capítulo 10).

Essa obra é uma leitura fundamental para o cristão moderno. Encorajo a leitura, com entusiasmo, sobretudo aqueles que têm dificuldade em entenderem o perdão ou que defendem um falso perdão.

Me. Gedimar dos Santos Maia Junior

Idealização:



betel brasileiro  
**CETEMIBB**

Centro de  
Educação  
Teológica e  
Missiologica

Apoio:



**Betel**  
publicações